

PRIMEIRA PARTE: GÁLATAS 4,1-7

ADOÇÃO FILIAL E PLENITUDE DO TEMPO

CAPÍTULO I: O CONTEXTO DE GI 4,1-7

1. O Contexto Literário da Carta aos Gálatas

1. 1. A carta aos Gálatas e sua integridade literária

A carta aos Gálatas desde há muito tem sido objeto dos mais variados estudos e sob diversos enfoques. No momento, o nosso interesse se volta à carta propriamente dita, isto é, à sua aceitação no âmbito da comunidade eclesial e, conseqüentemente, ao seu valor e credibilidade documental¹. Uma primeira constatação nos apêndices *Codices Graeci et Latini* do *Novum Testamentum Graece*² leva-nos à compreensão do alto valor desta carta, do ponto de vista da antiguidade de sua transmissão e sua integridade. Referindo-nos ainda aos códices antigos, vemos que os manuscritos unciais \aleph – A – B – C³ dos séculos IV e V contêm todos eles os escritos paulinos. De sua parte, carta aos Gálatas, por exemplo, encontra-se presente integralmente nos unciais \aleph (séc. IV), A (séc. V) e B (séc. IV), faltando uma parte no uncial C (séc. V)⁴. Além de sua presença ainda integralmente em outros treze unciais de datas posteriores, da mesma forma é encontrado em vários manuscritos minúsculos⁵, além de antigas traduções em latim, siríaco e outras línguas; acrescenta-se ainda as citações e referências de trechos da carta em diversas obras dos Padres da Igreja.

¹ Vários indícios nos mostram o valor desta carta. VANHOYE, A., *La Lettera ai Galati*, p. 1. Referindo-se aos dados estatísticos sobre o número de palavras das cartas paulinas, MORGENTHALER, R., *Statistik des neutestamentlichen Wortschatzes*, p. 164, faz ver que, embora Gálatas ocupe o quinto lugar (526 palavras contra 530 em Efésios), nas edições do NT ocupa a quarta posição, vindo antes de Efésios e logo depois de Rm e 1 e 2Cor. Olhando mais detalhadamente a lista de Morgenthaler, constata-se que a quantidade de palavras não é o critério único para a organização de ocupação das mesmas. Assim, mesmo que 1 Tm contenha mais palavras do que Col, 1 e 2Ts, a sua colocação lhes é posterior. Essa organização pode ter seguido o critério lógico de agrupar as cartas conhecidas como pastorais. No caso de Gálatas, pode ser que essa tenha antecedido Ef pela sua importância, mas também a fim de que Ef fosse agrupada às cartas da prisão (Ef – Fl – Cl).

² Cf. NT²⁷, p. 686-87. Na tabela do *Novum Testamentum Graece* (NT²⁷) encontramos a descrição do P⁴⁶, de cerca do ano 200; trata-se do papiro que contém a coleção de várias cartas do corpus paulinum. É um dos mais antigos documentos onde grande parte de textos das várias cartas de Paulo são conservados. Pode-se constatar que ali a carta aos Gálatas apresenta-se quase completa, contendo pouquíssimas lacunas; também o P⁵¹, de cerca do ano 400, possui 15 versículos de Gl.

³ *Ibid.*, p. 689-690

⁴ *Ibid.*, p. 689. Observa-se que da carta aos Gálatas está ausente o texto 1,1-20.

⁵ *Ibid.*, p. 690-711.

Os testemunhos colhidos através da crítica textual evidenciam a fidelidade da transmissão do texto; comportando poucas variantes⁶, é um texto, por assim dizer, seguro.

1.2. A carta aos Gálatas e sua organização literária

O estudo da organização da carta aos Gálatas levará em consideração os indícios gramaticais e temáticos que baseiam a distinção dos diversos momentos do escrito. Esse procedimento proporcionará condições de identificar a estrutura da carta, indicando também a finalidade da mesma.

Muitas têm sido as propostas de organização da carta aos Gálatas. Sobretudo a partir do século XIX constata-se um grande número de tais propostas⁷. Dentre as várias apresentadas até o presente momento, constata-se que a sua estruturação em três partes tem conseguido maior número de adeptos⁸.

⁶ Na verdade, diante do valor dos documentos antigos como o **P**⁴⁶ e dos unciais **σ**, **A**, **B** e **C** que reportam Gl quase por inteiro e das poucas variantes, chega a ser arbitrário afirmar o contrário, baseando-se para isso em critérios de caráter subjetivo. Ao longo de toda a história da interpretação, os autores têm aderido à autenticidade e integridade de Gl. Cf. ELLICOTT, C.J., *St Paul's Epistle*, p. xxxii, que em 1867 assim escrevia: "The genuineness and authenticity are supported by distinct external testimony (Irenaeus, c. Hoer. III. 7.2; Tertull. de Proescr. § 6), and, as we might infer from the strikingly characteristic style of the Epistle, have never been doubted by any reputable critic". Ainda: LARDNER, N., *A History of the Apostle*, v. II, p. 150-152. Cf. também DAVIDSON, S., *An Introduction to the Study of the New Testament*, v. II, p. 88-89. S. Davidson, em 1894, afirma que a autenticidade de Gl tem sido admitida por todos, exceto por Bruno Bauer, que imagina ter sido a mesma compilada de Romanos e Coríntios. Na verdade, BAUER, B., *Kritik der paulinischen Briefe*, v. V-VI, afirma que, a respeito das muitas perguntas sobre a autoria de Gl, já demonstrara também muitas vezes que esse autor é um compilador que, de algum modo, fez uso da carta aos Romanos e das duas cartas aos Coríntios. Gabava-se assim por ter sido aquele que por primeiro teria precisado no recíproco relacionamento de Rm e 1-2 Cor a fonte de Gl. Em 1972 um autor britânico publica uma obra que não teve apoio junto à crítica especializada. Trata-se de obra de J.C. O'NEILL, intitulada: "The Recovery of Paul's Letter to the Galatians". Assim, vemos a Rec. de SCHMITHALS, W., in *Theologische Literaturzeitung* 98 (1973) 840-841; referindo-se a essa obra de crítica textual, cf. ainda: VANHOYE, A., *La Lettera ai Galati*, p. 5. Entre várias afirmações de desaprovação sobre esse trabalho, diz A. VANHOYE: "In Gal 1,1 O'Neill considera oude di'anthrōpou come inautentico e quindi lo cancella. Non può citare nessuna attestazione esterna per fondare questa opinione. L'espressione criticata si trova in tutti i manoscritti e papiri".

⁷ Para melhor informação a respeito da história de como diversos estudiosos, entenderam a organização da carta aos Gálatas, alguns autores, também na busca de bem compreender e propor uma estrutura para este escrito, apresentaram o resultado seu estudo. No entanto, ao que parece, o mais bem elaborado foi apresentado por PITTA, A., *Disposizione e Messaggio della Lettera ai Galati*. *Analisi retórico-letteraria*, p. 13-41.

⁸ PITTA, A., *Disposizione e Messaggio della Lettera ai Galati*. *Analisi retórico-letteraria*, p. 17-21. Aqui Pitta mostra em seu estudo como a organização tripartite prevaleceu em número de representantes, porém os autores não são unânimes quanto aos limites de divisão; alguns, além

Deve-se ressaltar, no entanto, que essa carta tem um caráter particularmente polêmico de cunho argumentativo-demonstrativo⁹ e, que por isso mesmo, merece uma atenção especial.

Dentre as várias tendências sobre o como tem sido compreendida e organizada a carta aos Gálatas, torna-se de grande relevância acenar à contribuição de alguns estudiosos que têm se dedicado ao método da crítica retórica aplicado às cartas paulinas, com destaque especial, a esta carta¹⁰.

No decorrer da apresentação dos indícios gramaticais e temáticos¹¹, evidentemente, serão feitas referências a algumas contribuições, dentre elas, também às de caráter retórico-epistolar e epistolar-retórica¹².

A carta apresenta uma introdução, onde se constata o endereçamento (1,1-2) e augúrios (1,3-5). Não existe, como nas outras cartas paulinas, um momento

disso, dão preferência ao aspecto temático, não considerando a perspectiva epistolar. No entanto, constata, que a maioria divide Gl em três partes, porém, ressaltando o caráter epistolar.

⁹ VANHOYE, A., *La Lettera ai Galati*, 6-7. Nessa obra, VANHOYE expõe a organização de Gálatas da seguinte maneira: Argumentos históricos/Apologia pessoal (1,11-2,21), Argumentos doutrinários (3,1-5,12) e Particularidades para a vida/Parênese (5,13-6,10). Esta carta, tem sido, inclusive, objeto de estudo dentro da perspectiva retórica-literária.

¹⁰ Embora haja vários estudiosos que tenham aplicado a crítica retórica – “rhetorical criticism” – ao entendimento das cartas paulinas, H.D. BETZ é, certamente, aquele que tem apresentado maior número de contribuição. Já em 1975, Betz apresenta um estudo – cf. BETZ, H.D., “The Literary Composition and Function of Paul’s Letter to the Galatians”. *NTS* 21 (1974-1975) p. 353-379 –, onde faz notar a presença retórica em perspectiva judiciária. Segundo PITTA, A., op. cit. 33-41, as estruturas propostas apresentadas são: estruturas retórico-epistolares e estrutura epistolar-retórica. H.D. BETZ e muitos outros seguem o modelo retórico-epistolar, com propostas diferenciadas de organização do texto. Já o modelo epistolar-retórico que divide a carta em duas grandes seções (Rebuke section e Request section), tem em R.N. LONGENECKER um dos expoentes. Finalmente, o autor A. PITTA apresenta como conclusão de seu estudo doutoral – *Disposizione e Messaggio della Lettera ai Galati. Analisi retorico-letteraria* – uma proposta de organização dessa carta, onde, segundo ele mesmo, a análise respeita o texto em sua dimensão literária, vindo contribuir para um adequado estabelecimento de sua estrutura que decorre da mensagem da carta mesma e não vice-versa. No entanto, a sua conclusão caminha na direção da retórica demonstrativa e não judiciária, como ocorre com Betz e outros autores. Ainda sobre esse estudo de A. PITTA, cf. STANDAERT, B., *Biblica* 75 (1994) 280, onde em *Rec.*, diz que após as análises retóricas anteriores de H.D. BETZ (retórica apologética) e de G.A. KENNEDY (retórica deliberativa), este autor nos proporciona uma nova leitura em linha epidíctica ou demonstrativa, onde a verdadeira finalidade não é defender nem atacar e nem propor uma nova escolha para o futuro, mas retomar em mãos as comunidades da Galácia através de censuras (1,6-10; 3,1-5) e pelo elogio (4,12-20).

¹¹ A apresentação dos indícios gramaticais e temáticos da carta aos Gálatas é decorrente de estudo pessoal resultante de leituras atentas e anotações sobre o seu conteúdo, sempre levando em consideração o texto enquanto tal, isto é, considerando e analisando as várias microestruturas que se assemelham ou se diferenciam entre si de acordo com esses mesmos indícios. O motivo desse procedimento decorre da perspectiva de deixar o texto da carta falar e se organizar por si e não impor sem mais uma estrutura ou organização que lhe seja estranha. Portanto, trata-se de uma proposta de estrutura literária decorrente também da compreensão pessoal, ainda que respaldada em considerações de outros especialistas.

¹² Sobre esses dois tipos de estrutura, cf. acima a nota 10 que traz a contribuição de A. PITTA.

de ação de graças a Deus pela vida e progresso de cristãos da Galácia¹³. Assim, imediatamente após a conclusão da introdução, no v. 5, onde se ressalta o louvor a Deus, passa-se a uma severa reprovação aos Gálatas e indignação contra os que corrompem o sentido do Evangelho. O verbo *θαυμάζω* abre essa unidade e demonstra claramente a perplexidade de quem envia a carta. Esse momento de censura¹⁴ estende-se até o v. 10. Embora a expressão *ἄρτι γάρ*¹⁵ possa estar indicando a abertura de uma nova unidade, na verdade, parece estar servindo de transição para os vv. 11-12 que têm o caráter de uma **proposição a ser demonstrada**. Ademais, a conjunção *εἰ* seguida do advérbio *ἔτι*, na segunda

¹³ Trata-se de uma situação incomum, pois todas as cartas paulinas rendem graças a Deus pelos destinatários. E, segundo Paulo, essa situação incomum parece tão grave que, apenas terminada a introdução, passa-se imediatamente às censuras. Nota-se que, nem 1 Cor, mesmo tendo recebido as censuras iniciais por causa das divisões internas (1Cor 1,10-14), deixou de receber os costumeiros elogios na comunicação da ação de graças a Deus (1Cor 1,4-9). Ressalta SCHLIER, H., *Der Brief an die Galater*, p. 25, ainda além do caráter da ação de graças que dá o tom oficial de suas cartas e, em Gl, é dado a partir da repreensão, a ausência notada por muitos dos atributos de reputação e honra às igrejas da Galácia. Como é algo comum em Paulo e aqui está ausente, diz Schlier: “Natürlich hat dieser Mangel seinem Grund in der besonderen Situation des Apostels diesen Kirchen gegenüber”. De sua parte DUNN, J.D.G., *The Epistle to the Galatians*, p. 29, faz notar o estado de pressa e agitação de Paulo que, diferentemente das outras cartas, ao se referir na saudação às igrejas da Galácia, a todos os irmãos que estavam com ele, não nomeia sequer um deles. Compartilha dessa opinião, também MUBNER, F., *Der Galaterbrief*, p. 53, quando comenta no início do v. 6 que o verbo *θαυμάζω* surpreende pelo seu comparecimento repentino.

¹⁴ Os autores que se dedicam à análise retórica de Gálatas denominam a unidade 1,6-10 *Exordium*, dentre eles, PITTA, A., *Lettera ai Galati*, p. 71-79; LONGENECKER, R.N., *Galatians*, p. 12-19; WITHERINGTON III, B., *Grace in Galatia*, p. 79-88. Diferentemente, BETZ, H.D., *Galatians*, p. 44-56, estende o *Exordium* até o v. 11, destroncando, desse modo, a microunidade do enunciado 1,11-12. Entrementes, um antigo estudioso da carta aos Gálatas, cf. LAGRANGE, M.-J., *Saint Paul. Épître aux Galates*, p. 4, assim se expressa sobre o caráter da unidade 1,6-10: “L’exorde est abrupt et debute évidemment par un reproche”. Embora, no comentário dessa passagem, não faça nenhuma referência à análise retórica enquanto tal, sem dúvida, esse autor já teria percebido que Paulo utilizava o recurso da retórica antiga.

¹⁵ A expressão *ἄρτι γάρ*, como vem usada em Gl 1,10, não é mais encontrada em nenhum outro texto do NT. Alguns preferem fazer com que a expressão abra outra unidade. É o caso, por exemplo, de LIGHTFOOT, J.B., *The Epistle of St. Paul to the Galatians*, p. 66. Na verdade, o v. 10 poderia abrir outra unidade, mas dado o caráter dos vv. 11-12, é melhor considerá-lo como um versículo de transição e deixá-lo unido ao assunto anterior que é a censura. Cf. CORSANI, B., *Lettera ai Galati*, 75, também prefere que a unidade da passagem seja composta dos vv. 10-12. O reconhecimento de B. CORSANI de que as negações do v. 10bc se referem indiretamente aos vv. 6-9 vem mais uma vez confirmar a tendência do v. 10 ser uma ponte de transição para os vv. 11-12. Ainda EBELING, G., *Die Wahrheit des Evangeliums*, p. 56.84, que prefere destacar o v. 10 da cláusula de censura e uni-lo aos vv. 11-12, apenas se limita a dizer que há opiniões divergentes sobre se o v. 10 liga-se ao argumento da censura ou aos vv. 11-12. Ao tratar da unidade que vem logo após a censura, também se limita a dizer que o seu início, marcado pelo advérbio temporal *ἄρτι* consiste numa reflexão do que foi dito. No entanto, considera que tal versículo é uma ponte que serve para introduzir a tese fundamental. Constata-se também das afirmações deste autor que se trata, na verdade, de um versículo de transição que, por sua sutil natureza, desafia-nos a capacidade de ligá-lo ao que vem antes ou depois. A força do enunciado fundamental, como o chama G. Ebeling, sugere-nos, a meu ver, deixá-lo sem o v. 10, também se levamos em consideração a força da expressão que inicia o v. 11: *γνωρίζω γὰρ ὑμῖν, ἀδελφοί*.

metade do v. 10, aponta, ao que tudo indica, para o fechamento do que vinha sendo tratado e transição do que seguirá.

A interpelação *γνωρίζω γὰρ ὑμῖν*, utilizando o vocativo *ἀδελφοί*, dá o tom da curta unidade 1,11-12¹⁶. O que está em pauta aqui é a autenticidade ou a essência divina do Evangelho do qual Paulo é o portador. É um chamado de atenção do leitor para o que ele quer tratar. A forma verbal *γνωρίζω*, no presente do indicativo, comparece quatro vezes no NT, e somente utilizada por Paulo (1 Cor 12,3; 15,1; Gl 1,11; Fl 1,22), apenas em Fl 1,22 não tem o sentido óbvio de chamar a atenção¹⁷.

A partir de 1,13 dá-se início, através de rememorações, a uma seção onde Paulo faz a **demonstração da origem de sua autoridade apostólica** (1,13-2,21)¹⁸. A sentença inicial *ἠκούσατε γὰρ τὴν ἐμὴν ἀναστροφὴν ποτε ἐν τῷ*

¹⁶ A curta unidade 1,11-12, segundo PITTA, A., *Lettera ai Galati*, p. 80, não diz respeito só a 1,13-21, como entendia Lutero. Diz ainda, baseado, obviamente, em sua tese doutoral “*Disposizione e Messaggio della Lettera ai Galati. Analisi retorico-letteraria*”, que a manualística da retórica clássica estabelecia geralmente a tese após o exórdio geral, tendo como sua principal função a introdução, com clareza, daquilo que se propunha demonstrar. Assim, para esse autor, 1,11-12, é a proposição central da carta que será, ao longo da mesma, demonstrada. No entanto, há autores que, seguindo também o método retórico de análise da carta aos Gálatas, optam pela mesma opinião de Lutero. Dentre eles, WITHERINGTON III, B., *Grace in Galatia*, p. 89, que integra 1,11-12 ao conteúdo da *Narratio* (1,11-2,21). Assim, citando G. Lyons, diz: “That Paul offers his autobiographical narrative in 1.13-2.21 as substantiation of his claim in 1.11-12 concerning the nature and origin of his Gospel suggests he considers himself in some sense a representative or even an embodiment of that gospel”. MÜBNER, F., *Der Galaterbrief*, p. 77, referindo-se a JEREMIAS, J. *Chiasmus in den Paulusbrieffen*, p. 152-153, diz que Paulo, empregando a forma quiástica, faz réplica a duas repreensões segundo as quais o seu evangelho é *κατὰ ἄνθρωπον* e que tem origem *παρὰ ἀνθρώπου*. Desse modo, *παρὰ ἀνθρώπου*, no v. 12, se relacionaria a 1,13-21 e, de outra parte, *κατὰ ἄνθρωπον*, nos vv. 10s, estaria relacionado ao conteúdo de 3,1-6,10. DUNN, J.D.G., *The Epistle to the Galatians*, p. 51-54, mesmo concebendo 1,11-12 como uma asserção sumária, a faz ligar-se à seção 1,11-2,21, a qual ele chama de A defesa do Evangelho de Paulo. Infelizmente, o trabalho de UKWUEGBU, B.O., *The Emergence of Christian Identity in Paul’s Letter to the Galatians*, p. 177. 175, apresenta uma estruturação estranha, uma vez que estabelece 1,1-12 como a abertura - *The Opening Prescripts as a Statement of Purpose* – da primeira parte da carta (1,1-2,14), a qual ele denomina “*Biographical Account as a Legitimation Strategy*”. Tudo isso pode ser verdade; no entanto, 1,11-12 é um enunciado por demais contundente, não obstante a relação que possa haver com 1,1, onde Paulo mostra onde não se encontra a origem do seu ministério, isto é, *οὐκ ἀπ’ ἀνθρώπων οὐδὲ δι’ ἀνθρώπου*.

¹⁷ SANDERS, J.T., *Paul’s “Autobiographical” Statements in Galatians 1-2*, JBL 85 (1966) 337-339. Este autor mostra a semelhança das duas formas *γνωρίζω γὰρ ὑμῖν, ἀδελφοί, τὸ εὐαγγέλιον τὸ εὐαγγελισθὲν ὑπ’ ἐμοῦ* (Gl 1,11) e *γνωρίζω δὲ ὑμῖν, ἀδελφοί, τὸ εὐαγγέλιον ὃ εὐηγγελισάμην ὑμῖν* (1Cor 15,1) e a diferença dos conteúdos teológicos explicitados. Assim, enquanto em Gl 1,11-12, Paulo acentua a dimensão não humana do seu Evangelho, o qual lhe foi concedido através de revelação de Jesus Cristo (*οὐδὲ γὰρ ἐγὼ παρὰ ἀνθρώπου παρέλαβον αὐτὸ... ἀλλὰ δι’ ἀποκαλύψεως Ἰησοῦ Χριστοῦ*), em 1Cor 15,1.3, de outra parte, Paulo não mais ressalta a dimensão divina ou revelada do Evangelho que ele mesmo recebeu; apenas diz: *τὸ εὐαγγέλιον ὃ εὐηγγελισάμην ὑμῖν, ὃ καὶ παρελάβετε... παρέδωκα γὰρ ὑμῖν ἐν πρώτοις, ὃ καὶ παρέλαβον, ὅτι Χριστὸς ἀπέθανεν*.

¹⁸ As propostas de delimitação estrutural da seção variam entre os autores. Assim, por exemplo, SCHLIER, H., *Galaterbrief*, p. 36.46, sugere a seguinte proposta: 1,6-2,21, que ele denomina a

Ἰουδαϊσμῶ é um apelativo à memória dos destinatários, onde Paulo, trazendo à lembrança a sua vida, os introduz na participação de sua história pessoal. Mas não é à-toa. Trata-se de um recurso que tem por finalidade a demonstração de sua legitimidade apostólica. São três as memórias (1,13-24; 2,1-10 e 2,11-14). Na primeira Paulo recorda o seu passado no judaísmo como de perseguidor da igreja de Deus e do seu chamado; na segunda, ele torna à memória acontecimentos que confirmam o reconhecimento por parte da Igreja de Jerusalém da autenticidade de sua missão e da verdade do Evangelho por ele anunciado aos gentios; na última memória narra o incidente de Antioquia, onde o que está em causa é, sobretudo, a verdade do Evangelho. Finalmente, a seção é concluída (2,15-21) por uma consideração em forma de reflexão teológica, onde afirma que os de natividade judaica aprenderam que o homem não se justifica pela lei, mas pela fé em Jesus Cristo (v. 16); tem seu desfecho na confissão da experiência mística de Paulo com Cristo (v. 20) e na asserção (v. 21): “se pela lei vem a justiça, por conseguinte Cristo morreu em vão”. “εἰ γὰρ... ἄρα”, termos utilizados nessa última sentença dão o tom de fechamento da perícopa, o qual coincide com a conclusão da inteira seção.

primeira parte, onde dá-se a prova da revelação do evangelho Paulino e a missão do apóstolo através de Deus e de Cristo. Essa parte subdivide-se ainda em 1,6-10 e 1,11-2,21. A 1,11-2,21 ele dá o seguinte título: o caráter da revelação do Evangelho anunciado pelo apóstolo Paulo. Evidentemente, Schlier não toma 1,11-12 como um enunciado central da carta. Ele mesmo diz: “Die Darlegung beginnt V.11 in einer gewissen feierlichen Weise: γνωρίζω γὰρ ὑμῖν, ἀδελφοί, κτλ”. Quer dizer: 1,11-12 faz parte da exposição ou demonstração, não sendo, por isso mesmo, um enunciado a ser demonstrado. De outra parte, grande número de autores que aplicam o método da análises retórica ao estudo de Gálatas, não identificam 1,11-12 como uma asserção. Vários estudiosos, como BETZ, H.D., Galatians, p. 113-127, identificam a asserção, chamada segundo este método de *propositio*, em Gl 2,15-21. HESTER, J.D., “Placing the Blame”, JSNTSS 50 (1991) 281-282, mesmo que considere, igualmente a H. D. BETZ, 2,15-21 como a *propositio*, dá um grande destaque ao papel de 1,11-12. Alega, na p. 281: “While I am satisfied with my identification of 1.11-12 as the stasis statement for the letter as a whole and the narrative in particular, it seems to me that the issue of quality underlies the whole letter, not just the narrative”. Cf. POHL, A., Der Brief des Paulus an die Galater, p. 49. 52. De uma parte, considera 1,10-12 como momento de defesa das calúnias e sua antítese, por utilizar a negação para afirmar a legitimidade de seu ministério. De outra parte, considera 1,13-21 como a primeira parte da carta. Segundo A. POHL, o tema dessa primeira parte focaliza-se no Evangelho da liberdade da lei de Paulo que tem sua origem em Deus mesmo e que foi reconhecido pela comunidade primitiva em Jerusalém. Cf. também PITTA, A. Disposizione e Messaggio della Lettera ai Galati, p. 90-100. Esse autor considera Gl 1,13-2,21 como a primeira demonstração da carta aos Gálatas. Especificamente sobre a unidade que fecha a demonstração, ou seja, 2,15-21, diz tratar-se de “mimese” *perorante*. Quer dizer, diferentemente de outros estudiosos do método retórico, que consideram essa passagem uma *propositio*, A. PITTA a compreende como a conclusão da primeira demonstração.

A expressão, no vocativo plural e em tom confrontativo, ὦ ἀνόητοι Γαλάται abre nova seção (3,1-4,7)¹⁹, que se concentra sobre **demonstração bíblica da nossa filiação divina pela fé em Cristo**. A primeira unidade dessa seção (3,1-5), contendo duras censuras com expressões vivas e chocantes²⁰, de início, um tanto destoante, servirá de passagem para as argumentações escriturísticas que dão fundamentação à teologia da nossa justificação e filiação divina pela fé em Cristo (3,6-29). Trata-se de uma seção que engloba várias micro-unidades, além de 3,1-5, a saber: 3,6-9 (como Abraão os que são pela fé), 3,10-14 (incompatibilidade entre a lei e a fé), 3,15-18 (supremacia das promessas sobre a lei), 3,19-22 (o porquê da lei), 3,23-25 (novo tempo da fé e o prazo vencido da lei), 3,26-29 (tentativa de conclusão: filhos de Deus pela fé em Cristo, descendência de Abraão), 4,1-7 (conclusão: encarnação de Cristo e nossa adoção filial). As argumentações, propriamente ditas, têm início com os dizeres καθὼς Ἰσραὴλ ἐπίστευσεν τῷ θεῷ. As micro-unidades vão se desenvolvendo até o ponto

¹⁹ A delimitação 3,1-4,7, ao que tudo indica, é uma particularidade de PITTA, A., *Disposizione e Messaggio della Lettera ai Galati*, p. 100-122. No entanto, EGGGER, W., *Galaterbrief, Philipperbrief, Philemonbrief*, p. 11.28-30, ainda que na estruturação global de Gálatas determina 3,1-4,31 como uma de suas partes, no entanto, considera 3,26-4,7 como uma unidade temática – *Glaube und Gottessohnschaft* – que, por sua vez, se subdivide em 3,26-29 e 4,1-7. Cf. BRING, R., *Der Brief des Paulus an die Galater*, p. 160-175, adepto do modelo da divisão de Gálatas em duas partes, concebe 3,26-4,7 como unidade temática – *Der Glaube gibt allen gleichen Anteil am Erbe* – que, também, se subdivide em 3,26-29 e 4,1-7. Uma comtribuição interessante é encontrada em SMIGA, G.M., *Language, Experience and Theology*, p. 3, já na introdução do seu trabalho expõe qual é o seu escopo. Ou seja, partindo da importância de 3,6-4,7, sustenta propor uma abrangente estrutura da carta que venha exatamente identificar 3,6-4,7 como background-section argumentativa. Não entramos aqui no mérito se 4,1-7 é uma decorrência natural do que foi afirmado em 3,29 ou uma retomada, conforme o autor exporá a partir da p. 220. O que nos interessa é focalizar 4,1-7 como encerramento de uma seção argumentativa. Na verdade este autor tem como finalidade mostrar a argumentação de Gl 3,6-4,7 à luz da forma literária da carta. A. PITTA, pelo que tudo indica – “*Disposizione e Messaggio della Lettera ai Galati*” – parece ser o único que delimita 3,1-4,7 como uma seção da carta; de fato, essa delimitação faz muito sentido, seja do ponto de vista gramatical quanto temático. E ainda apresenta 4,1-7 como uma conclusão de toda a seção. 4,1-7 tem muito a ver como uma conclusão definitiva diante, ao que parece, de uma malfadada tentativa conclusão em 3,26-29.

²⁰ O adjetivo ἀνόητος é utilizado em Gálatas duas vezes e na mesma unidade (3,1.3). Uma vez como interpelação, no vocativo plural (3,1) e outra vez como interrogação, no nominativo plural (3,3). Nas duas vezes adquire o tom de confrontação. Trata-se de um termo raro no NT (Lc 24,25; Rm 1,14; Gl 3,1.3; 1Tm 6,9; Tt 3,3). E somente adquire o tom de confrontação três vezes (Lc 24,25; Gl 3,1.3). No entanto, é em Gl que assume proporções mais severas, decorrente do contexto de chocantes confrontações a que são submetidos os Gálatas. Diríamos que, dentro do contexto, seria como chamá-los de sem juízo, loucos, desmiolados, estúpidos. Cf. “ἀνόητος”, in Louw-Nida. GELNT, I, 386/ 32.50: “pertaining to unwillingness, to use one’s mental faculties in order to understand – foolish, stupid, without understanding”. É de grande vigor a interrogação τίς ὑμᾶς ἐβάσκαυεν, οἷς κατ’ ὀφθαλμοὺς Ἰησοῦς Χριστὸς προεγράφη ἐσταυρωμένος. Os dois verbos utilizados βασκαίνω (enfeitiçar, encantar) e προγράφω (escrever, gravar ou registrar anteriormente) são bastante fortes. De fato, Paulo pergunta: “quem vos enfeitiçou, a vós ante cujos olhos foi desenhado o Cristo crucificado”?

em que Paulo faz constatar dois momentos²¹. O primeiro momento é aquele antes da fé (3,23) – πρὸ τοῦ δὲ ἔλθειν τὴν πίστιν ὑπὸ νόμον ἐφρουρούμεθα –, isto é, quando se estava sob um pedagogo/lei, antes de Cristo; já o outro é o momento da fé (3,25) – ἐλθούσης δὲ τῆς πίστεως οὐκέτι ὑπὸ παιδαγωγόν ἐσμεν –, isto é, a partir de Cristo. Deste modo, o prazo da lei está já vencido, não tem mais validade. No fundo, afirma-se: estamos na maioridade, tema que será desenvolvido a partir de 4,1. A seção tem uma, que parece ser, primeira conclusão com a micro-unidade 3,26-29, onde Paulo afirma pela primeira vez a nossa filiação divina com a seguinte frase, em 3,26: πάντες γὰρ υἱοὶ θεοῦ ἐστε διὰ τῆς πίστεως ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ. Na verdade, é encaminhado o fechamento desta unidade, em 3,26, pela introdução da conjunção γάρ (com efeito, então, de fato) e, definitivamente, em 3,29, através da cláusula condicional εἰ δὲ...ἄρα. No entanto, a força da conclusão dessa cláusula coloca em evidência a pessoa de Abraão e não a de Cristo. Então, essa, que poderia ser uma conclusão da seção, ao que tudo indica, demandará, da parte de Paulo, uma última e definitiva conclusão, onde o foco não mais esteja voltado para Abraão e sim para Cristo mesmo. Desse modo, 3,29 introduz κατ' ἐπαγγελίαν κληρονόμοι como últimas palavras que fecham a unidade 3,26-29²². Aqui, mesmo que diga o texto εἰ δὲ ὑμεῖς Χριστοῦ, o que vem enfatizado é ἄρα τοῦ Ἀβραάμ σπέρμα ἐστέ, κατ' ἐπαγγελίαν κληρονόμοι, vale dizer: herdeiros segundo a promessa Abraâmica. O que indica que κληρονόμος, nesse contexto, está enfatizando Abraão e não Cristo, é que será retomado imediatamente em 4,1 a fim de mostrar o que ele significava antes de Cristo (κληρονόμος semelhante a δοῦλος, na menoridade) e, finalmente, em 4,7, o seu significado depois do envio do Filho de Deus (κληρονόμος igual a υἱός, não mais

²¹ Na carta aos Gálatas, a constatação desses dois momentos é de suma importância. Toda a carta deixa claro que vive-se já a nova realidade e não mais o passado. De fato, a pergunta em 3,3 (οὕτως ἀνόητοί ἐστε, ἐναρξάμενοι πνεύματι νῦν σαρκὶ ἐπιτελείσθε;) já enfatiza essa temática. Constata-se o mesmo enfoque, por exemplo, em Gl 4,1-3. 8-11. 21-31.

²² VANHOYE, A., *La Lettera ai Galati*, p. 131. Esse autor já havia percebido a estranheza da conclusão de Paulo, na perícopre 3,26-29. Diz que na última frase se esperaria um ulterior progresso no pensamento e, em vez disso, o que se vê é uma descida a um nível mais baixo: “da figli di Dio scendiamo a discendenza di Abramo”. Ainda diz, à p. 133: “a mio parere, il motivo principale di questa ripresa conclusiva è, come ho già spiegato, di correggere l'impressione strana che risulta dall'insistenza più forte sul fatto di essere discendenza di Abramo che non sulla figliolanza divina dei cristiani”. E conclui: “Paolo quindi insisterà adesso sulla figliolanza divina e non parlerà più di Abramo”. No entanto, A. VANHOYE, que estrutura a carta em três partes, apenas considera 4,1-11 como uma primeira conclusão da segunda parte, já que a última conclusão encontra-se em 5,1-12. Cf. PITTA, A., *Disposizione e Messaggio della Lettera ai Galati*, p. 118, ao mostrar a análise retórica em 3,23-29, constata que a amplificação lógica adquire uma orientação patética, ou seja, os mesmos Gálatas são os destinatários do evangelho de 3,6-29.

δοῦλος, portanto, adulto). Então, 3,26-29, que poderia fechar a inteira seção passa a fazer o papel de transição para o seu desfecho em 4,1-7. Na verdade, é essa unidade (4,1-7) que, fechando a seção, dará a κληρονόμος o seu definitivo sentido, apenas ensaiado em 3,29. Portanto, segundo Paulo, há dois tipos de herdeiros: aquele que existia antes da vinda da fé e, agora, sobretudo a partir do πλήρωμα τοῦ χρόνου, quando Deus enviou o seu Filho, aquele que vive o momento da fé. Do ponto de vista gramatical, a expressão λέγω δέ, em 4,1, tem a função de abrir aquela que será a perícopie final da seção, já que assume caráter explicativo e esclarecedor do termo κληρονόμος antes do envio do Filho (4,4); já 4,7 a fechará através da expressão ὥστε οὐκέτι...(δοῦλος)... ἀλλά... (υἱός)... εἰ δὲ... (υἱός)... καὶ... (κληρονόμος διὰ θεοῦ).

A seguinte unidade aberta em 4,8 dá início a uma nova seção (4,8-31)²³, onde se evidenciará o tema **considerações sobre a liberdade em Cristo**.

4,8, através da conjunção ἀλλά, o advérbio temporal τότε e a partícula μέν, a qual insinua continuação por contraste, introduz a questão do ontem e hoje (cf. também 4,1-3) na vida dos Gálatas, retomando a expressão ainda precisada τὰ στοιχεῖα τοῦ κόσμου (4,3) e definindo-a τὰ ἀσθενῆ καὶ πτωχὰ στοιχεῖα²⁴, uma vez que essas mesmas coincidem com o período pré-cristão dos Gálatas. Dentro do contexto das considerações sobre a liberdade em Cristo, Paulo ainda fará uma lembrança afetivo-elogiosa aos Gálatas (4,12-16), mostrará o seu desvelo para com os mesmos, demonstrando, ao mesmo tempo, a sua indignação para com os aliciadores dos destinatários da carta e, portanto, seus opositores (4,17-20); finalmente, em 4,21-31, num midrash alegórico das duas alianças em que utiliza as duas personagens das Escrituras Agar/Sara, fará uma aplicação sobre a

²³ São poucos os autores que delimitam uma seção a partir de 4,8. Dentre alguns deles, temos: BRUNOT, A., *Le génie littéraire de Saint Paul*, p. 44-45. Ele a vê estruturada em forma quiástica semicircular, em duas grandes partes (1,11-2,14 e 2,15-6,10). Diz que nas duas partes o esquema A B A' é fielmente respeitado, no modo seguinte: A (A: 2,15-21; B: 3,1-25; A': 3,26-4,7); já a 2ª parte: B (A: 4,8-11; B: 4,12-20; A': 4,21-31) A' (A: 5,1; B: 5,2-12; A': 5,13-6,10). É certo que propõe uma estruturação diferente da proposta apresentada nesse estudo; ressalta-se, no entanto, a sua subdivisão proposta onde 4,8 inicia um quiasmo (A), vindo a terminar em 4,31 (A'). Também RADL, W., *Galaterbrief*, p. 5-7, que delimita a carta em três grandes partes, assim concebe a última parte: 4,8-6,10, a qual intitula "Die Freiheit des Christen". PITTA, A., *Disposizione e Messaggio della Lettera ai Galati*, p. 136, no esquema apresentado, após o estudo retórico de GI, conclui que 4,8-5,12 é a terceira demonstração da carta e que ao centro dessa demonstração encontra-se a dimensão escatológica do ser cristão.

²⁴ Embora a primeira citação sobre a στοιχεῖα, em 4,3, por causa do contexto possa haver conotação também judaica, aqui, ao menos, pelo que tudo indica, refere-se àquelas pessoas provindas do paganismo; isso porque no raciocínio de Paulo, no v. 8, consta: "outrora, não conhecendo a Deus, servistes a deuses, que na realidade não o são".

escravidão e a liberdade. O midrash é fechado através da conjunção inferencial διό seguida do vocativo ἀδελφοί, confirmando que não somos filhos da escrava, mas da livre. O conceito que perpassa a metáfora está marcado pelo uso do termo feminino ἐλευθέρρα (4,22.23.26.30.31), evocando assim que, na nova situação, não somos escravos e sim livres. A idéia de liberdade será retomada em duas unidades na última seção (5,1-6 e 5,13-15). De modo que a unidade 4,21-31 é um suporte escriturístico para mostrar que a nova realidade da vida cristã é evidenciada pela liberdade e não mais pela antiga escravidão.

Na primeira parte 5,1, a oração τῆ ἐλευθερίᾳ ἡμᾶς Χριστὸς ἠλευθέρωσεν, embora continue o tema da liberdade tão enfatizado em em 4,21-31, é, na verdade, um gancho que faz transição para a seção seguinte, uma vez que, logo em seguida, é introduzida a frase exortativa στήκετε οὖν καὶ μὴ πάλιν ζυγῷ δουλείας ἐνέχεσθε. Por isso mesmo, parece mais conveniente considerar todo, e não somente a metade de 5,1²⁵ como abertura da seção seguinte **exortações sobre a nova criatura em Cristo** (5,1-6,10), uma vez que vem fortemente fundamentá-la com a introdução de duas palavras – ἐλευθερία e ἐλευθερώω – bem próximas e da mesma raiz. Essa última seção é formada por cinco unidades de conteúdos exortativos, assim entendidos: 5,1-6 inculca os Gálatas a não mais retroceder; em

²⁵ Parece normal que seja indicado 5,1 como início da última seção. O fato de, a partir desse versículo, ser introduzida uma série de exortações, justifica essa delimitação. Não se vê motivo, como fazem alguns, em considerar 5,1 como fechamento da unidade do midrash. Isso porque, também, a inteira oração em 4,31 – διό, ἀδελφοί, οὐκ ἐσμὲν παιδίσκης τέκνα ἀλλὰ τῆς ἐλευθέρρας – tem, por si mesmo, caráter conclusivo, fechando a unidade do midrash iniciada em 4,21. No entanto, alguns preferem seguir a orientação de só abrir a seção ou somente a unidade seguinte em 5,2. É o caso, por exemplo, de PITTA, A., *Disposizione e Messaggio della Lettera ai Galati*, p. 132-133, que sustenta que 5,1 fecha a unidade iniciada em 4,21; de outra parte, faz de 5,2-12 o fechamento da seção iniciada em 4,8. Já COLE, R.A., *Galatians*, p. 185-186, acha que 5,1, embora Deissmann sustente que se trata de uma fórmula helenística para a sacral alforria de escravos, é parte do sumário e inteiramente uma forma gramatical hebraica, por causa da sua força de repetição, comum artifício gramatical semítico. Cf. também DUNCAN, G.S., *The Epistle of Paul to the Galatians*, p. 151-152, onde analisando algumas alternativas, considera que 5,1 não é um versículo com duas partes, isto é, uma primeira que se liga ao assunto de 4,21ss e uma outra que se liga, por causa do seu caráter exortativo, à unidade seguinte; rechaça, no entanto, a alternativa de que, como um inteiro versículo, venha abrir nova seção. Opina que uma leitura nessa direção está baseada em manuscritos de valor inferior; finalmente, afirma ser melhor considerar 5,1 como conclusão da unidade iniciada em 4,21. E termina de modo irônico: “The chapter-divisions in our Bibles, it will be remembered, are not older than twelfth century and are often misleading”. Ainda que, 5,1 possa trazer problemas de crítica textual, as razões que induzem a ligar esse versículo à perícope seguinte são mais razoáveis. Essa é a leitura de NT²⁷, p. 500. Sobre o texto tal como se encontra em NT²⁷, cf. METZGER, B.M., *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, p. 528. Afirma-se aqui, depois de exaustiva análise, que a leitura adotada para o texto parece ser a melhor, uma vez que a abrupta introdução de exortações fora mitigada pela inserção do pronome relativo ἧ antes ou depois de ἐλευθερία ou por transposição de οὖν para a cláusula precedente. Portanto, as razões não somente gramaticais e temáticas, mas também de crítica textual, aconselham considerar 5,1 ligado ao assunto seguinte (5,2) e não ao precedente (4,31).

5,7-12, mostra Paulo sua indignação contra os opositores do Evangelho e defensores da prática da circuncisão, chegando ao ponto de dizer que aqueles que importunam os Gálatas se fizessem castrar a si mesmos; a curta unidade 5,13-15 enfatizará que os chamados à liberdade devem viver não segundo a carne mas para o serviço do amor mútuo; a unidade 5,16-26 traçará a nova realidade dos que estão em Cristo que é viver segundo o Espírito; finalmente, a unidade 6,1-10, que fecha essa última seção²⁶, traz uma série de pequenas e variadas exortações. As três partículas seguidas ἄρα οὖν ὡς definem o fechamento de toda a seção das exortações, onde também acontece o apelo para a prática do bem para com os familiares na fé (πρὸς τοὺς οἰκεῖους τῆς πίστεως).

A conclusão da carta²⁷ encontra-se em 6,11-18. No início da conclusão Paulo chama a atenção através do aoristo imperativo ἴδετε para o grande tamanho de letras que escreve de próprio punho como forma de destacar o que está comunicando. Novamente, desmascara os seus opositores a ponto de desmoralizá-los, apontando a incoerência de vida (não são capazes de observar a lei à qual se apegam). Apresenta uma grande revelação ao dizer que não é a circuncisão ou incircuncisão que conta, mas a nova criatura (καλὴ κτίσις). De maneira seca e breve, como o fez na introdução da carta, assim a termina; despede-se pedindo para não ser mais molestado, pois já traz em seu corpo os estigmas de Cristo. No entanto, o término conta com o vocativo ἀδελφοί, uma insinuação de todo ausente na saudação, embora suficientemente presente no decorrer da carta.

Portanto, assim podemos sintetizar a organização da carta a partir dos indícios gramaticais e temáticos:

Introdução: 1,1-5

endereço (1,1-2)

saudação (1,3-5)

Censura: 1,6-10

²⁶ A própria característica do versículo seguinte também já indica que o que se vinha tratando a partir de 6,1 terminara em 6,10. As exortações como um todo chegam ao seu ponto final com as partículas, conclusivas, sobretudo ἄρα.

²⁷ Provavelmente, do ponto de visto de organização da carta, a maior unanimidade entre os autores encontra-se no fato de que 6,11-18 constitui a sua conclusão. Nesse sentido, cf. PITTA, A., *Disposizione e Messaggio della Lettera ai Galati*, p. 14-40. Nessa parte do seu trabalho, o autor apresenta uma panorâmica da história da estruturação dessa carta. No entanto, aqueles que consideram a carta dentro de uma estrutura literária bipartida (cf. p. 14) não levam em consideração de maneira autônoma elementos epistolários próprios, como introdução e conclusão. São os casos de H.A.W. MEYER (1,1-4,31; 5,1-6,18) e M. DRACH (1,1-5,6; 5,7-6,18).

Proposição geral da carta: 1,11-12 (a essência divina do Evangelho)

A – 1,13-2,21: Demonstração da autoridade apostólica de Paulo

1ª rememoração: de perseguidor a apóstolo (1,13-24)

2ª rememoração: Jerusalém e o reconhecimento de seu ministério (2,1-10)

3ª rememoração: incidente em Antioquia (2,11-14)

conclusão: reflexão teológica sobre a justificação pela fé (2,15-21)

B – 3,1-4,7: Demonstração bíblica: filiação divina pela fé em Cristo

abertura: repreensão aos Gálatas (3,1-5)

como Abraão os que são pela fé (3,6-9)

irreconciliabilidade entre lei e fé (3,10-14)

supremacia das promessas sobre a lei (3,15-18)

o porquê da lei (3,19-22)

tempo da fé e prazo vencido da lei (3,23-25)

ensaio de conclusão: filhos de Deus pela fé em Cristo e, ao mesmo tempo, descendência de Abraão (3,26-29)

conclusão: encarnação de Cristo e nossa adoção filial (4,1-7)

C – 4,8-31: Considerações sobre a liberdade em Cristo

a escravidão do passado e a liberdade do tempo presente (4,8-11)

rememoração afetivo-elogiosa (4,12-16)

desvelo em defesa dos Gálatas (4,17-20)

midrash das duas alianças: Agar/Sara: escravidão e liberdade (4,21-31)

D – 5,1-6,10: Exortações sobre a nova criatura em Cristo

não mais retroceder (5,1-6)

indignação contra os opositores do Evangelho (5,7-12)

chamados à liberdade para o amor (5,13-15)

viver segundo o Espírito (5,16-26)

exortações várias (6,1-10)

Conclusão: 6,11-18

chamado de atenção (6,11)

desmascaramento dos adversários (6,12-13)

cruz de Cristo como motivo de glória para Paulo (6,14)

nova criatura (6,15-16)

recomendação de não mais ser importunado (6,17)

saudação final (6,18)

Em síntese: a organização literária da carta aos Gálatas evidencia que se trata de uma missiva nascida da indignação de Paulo, onde ele procura estabelecer e demonstrar qual seja a verdade do Evangelho (1,8-9.11-12). Essa indignação mostra-se de tal modo acentuada que ele sequer, no início da carta, expressa a ação de graças a Deus pela vida dos cristãos da Galácia, aliás, algo tão trivial nas outras cartas de sua autoria. Ao contrário, de modo abrupto, apenas terminada a sua auto-apresentação, endereçamento e saudação, ele parte para uma severa repreensão aos Gálatas por causa da postura dúbia destes diante da verdade do Evangelho (1,6-10). São dois, sobretudo, os indícios que fundamentam a sua indignação: presença de opositores que tentam corromper a verdade do Evangelho de Cristo (1,7; 4,17; 5,7-12; 6,12-13) e o fato de os Gálatas terem se deixado seduzir, trocando assim o Evangelho recebido e professado por um outro que não é o de Cristo (1,6; 3,1-5; 4,9; 5,7). Em vista disso mesmo, a carta possui um forte tom demonstrativo e, através dessa perspectiva, Paulo desenvolverá a sua comunicação epistolar. A carta desenvolve a dramaticidade descortinada no momento da censura (1,6-10) com o estabelecimento de uma proposição sobre a essência divina do Evangelho (1,11-12) a ser demonstrada em seu corpo. Inicia assim com a demonstração da sua autoridade apostólica, servindo-se de três momentos de rememoração, na tentativa de captar a atenção dos destinatários (1,13-21). Daí, chega à parte que é a central de sua carta (3,1-4,7): as Escrituras atestam o que, para Paulo, é evidente: justificados pela fé, somos, evidentemente, pela fé em Cristo Jesus, filhos de Deus. A presença de Abraão nessa seção, embora digna de destaque, serve para corroborar a verdade da filiação divina do cristão. Nesse contexto encontra-se a perícopes 4,1-7 que dá a conclusão dessa

seção central e, ao mesmo tempo, desponta como ponto culminante da argumentação demonstrativa de Paulo, servindo, por isso mesmo, como fundamento elucidativo da tese central proposta em 1,11-12, já vislumbrado, nessa mesma seção, em 3,26 (πάντες γὰρ υἱοὶ θεοῦ ἐστε διὰ τῆς πίστεως ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ). Nesse sentido, 4,1-7 é não somente conclusão, mas o eixo no qual a carta se fundamenta. Uma vez chegado ao momento auge, onde Paulo destaca a dimensão do tempo que chega à sua plenitude por causa do envio do Filho de Deus, motivo da libertação da lei (ἵνα τοὺς ὑπὸ νόμον ἐξαγοράσῃ) e da filiação divina por adoção (ἵνα τὴν υἰοθεσίαν ἀπολάβωμεν), passa a algumas considerações daí decorrentes: a liberdade em Cristo, já que por Ele não se é mais escravos como outrora, mas íntimos de Deus, pois agora são seus conhecedores e por Ele conhecidos (4,8-11). Em seguida Paulo passa a demonstrar o desvelo pelos Gálatas, sobretudo na micro-unidade 4,12-16 e a expressão τέκνον μου, em 4,19, é suficientemente significativa nesse aspecto. De modo que essa seção é um reconhecimento da situação dos cristãos como pessoas livres e não mais escravas. Obviamente, aplica-se aqui a idéia de 4,1-7. Na última seção do corpo da carta (5,1-6,10), Paulo se concentra nas exortações, onde o que importa é o proceder do cristão na vida concreta como criatura livre e que age segundo o Espírito. Trata-se de decorrência do contexto expresso em 4,1-7, onde se depara com o tema da liberdade (5,1.13) e do Espírito (5,16.18.25; 6,8). A conclusão (6,11-18) volta a contemplar ainda situações abrangidas ao longo da carta, como: desmascaramento dos opositores do Evangelho e sedutores dos Gálatas, a cruz de Cristo e, sobretudo, a nova criatura (6,15), resumindo seus pontos exponenciais e, portanto, mostrando a realidade da filiação divina na vida do cristão e da comunidade eclesial. Daí, 4,1-7 é não somente conclusão de 3,1-4,7, mas o eixo no qual a carta mesma se fundamenta.

1.3. Delimitação do texto

O estudo apresentado da estrutura da carta aos Gálatas mostrou que 4,1-7 é o desfecho da segunda seção (3,1-4,7) que tem como tema **demonstração bíblica: filiação divina pela fé em Cristo**. Sobre essa perícopie também Pitta a propõe

como a conclusão/*peroratio* da seção 3,1-4,7 em seu trabalho de análise retórico-literária proposto²⁸. A essa segunda seção, chamada por ele segunda demonstração, vem intitulada, de maneira diferente e, mais ainda estranha, como “la figliolanza abramitica”²⁹. No entanto, como a *peroratio* dá o fechamento à segunda demonstração e se refere ao argumento da filiação divina através de Jesus, o Filho de Deus por excelência, essa mesma demonstração pode muito bem, segundo o nosso parecer, ser compreendida como “da filiação abraâmica à filiação divina”. Tal compreensão faz jus ao cume da demonstração que é a *peroratio*.

Gl 4,1-7 trata da temática “da escravidão (da lei) à liberdade dos filhos de Deus”³⁰. Liberdade essa que passa pela graça da fé no Senhor Jesus. Esse Jesus é o filho de Deus, que Deus mesmo, na plenitude do tempo, enviou (ὅτε δὲ ἦλθεν τὸ πλήρωμα τοῦ χρόνου, ἐξαπέστειλεν ὁ θεὸς τὸν υἱὸν αὐτοῦ). Tendo nascido ele de mulher (γενόμενον ἐκ γυναικός) e sob a lei (γενόμενον ὑπὸ νόμον), veio resgatar os que estavam sob a lei (ἵνα τοὺς ὑπὸ νόμον ἐξαγοράσῃ) a fim de que recebêssemos a adoção filial (ἵνα τὴν υἰοθεσίαν ἀπολάβωμεν). Quer dizer: através do seu envio tornam-se filhos com todos os direitos, portanto adultos e, conseqüentemente, livres. A insinuação da maioridade decorre, evidentemente, da argumentação de Paulo contida nos versículos 1 (ἐφ’ ὅσον χρόνον ὁ κληρονόμος νήπιός ἐστιν, οὐδὲν διαφέρει δούλου κύριος πάντων ὢν) e 2 (ἀλλὰ ὑπὸ ἐπιτρόπους ἐστὶν καὶ οἰκονόμους ἄχρι τῆς προθεσμίας τοῦ πατρός) e da aplicação que faz no versículo 3 (οὕτως καὶ ἡμεῖς, ὅτε ἦμεν νήπιοι, ὑπὸ τὰ στοιχεῖα τοῦ κόσμου ἤμεθα δεδουλωμένοι).

A perícopé, embora dê continuidade ao argumento evocado pouco antes³¹ em 3,26-29, é distinta dessa passagem, como também é distinta do passo subsequente, isto é, 4,8-11³².

²⁸ De acordo com o modelo da análise retórico-literária proposto por A. Pitta, a conclusão ou *peroratio* da segunda demonstração (3,1-4,7) encontra-se em 4,1-7. Já tivemos ocasião de nos referir a esse autor sobre a vertente que segue em sua análise retórica. Em seu estudo conclui que Gálatas está retoricamente organizada em contexto de vertente demonstrativa que compreende o elogio e a censura.

²⁹ PITTA, A., *Lettera ai Galati*, p. 159.

³⁰ SCHLIER, H., *Der Brief an die Galater*, prefere a expressão “Die Unmündigen und die Mündigen”, que podemos traduzir por “menores de idade e maiores de idade ou emancipados”.

³¹ Dentre os tantos autores que defendem essa posição, podemos citar: CORSANI, B., *Lettera ai Galati*, p. 253. DUNN, J.D.G. *The Epistle to the Galatians*, p. 210; VANHOYE, A., *La Lettera ai Galati*, p. 133; CORSANI, B., *Lettera ai Galati*, p. 253.

³² Diferentemente de nosso parecer, dentre vários autores, encontram-se: MATERA, F.J., *Galatians*, p. 148, que compreende que a passagem se alonga até o v. 11 e BLIGH, J., *Galatians*, p. 330, que vê a passagem se alongar até o v. 10.

Embora seja evidente para grande número de exegetas a ligação de 4,1-7 com o contexto do capítulo precedente, há aqueles que encontram dificuldades em seguir o argumento central de Gálatas³³, ou seja, os capítulos 3-4. Apesar da dificuldade de alguns nesse sentido, há de se convir que é estabelecida uma real correspondência entre 3,23-25 (πρὸ τοῦ δὲ ἔλθειν τὴν πίστιν e também ὑπὸ νόμον) e 4,1-2 (νήπιος e δοῦλος), de uma parte e, 3,26-29 (υἱοὶ θεοῦ ἔστε διὰ τῆς πίστεως ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ) e 4,3-7 (não mais escravizados sob os elementos do mundo, mas pelo envio do Filho de Deus recebemos a adoção filial – υἰοθεσίαν – e pelo envio do Espírito do seu Filho aos nossos corações clamamos αββα ὁ πατήρ), de outra. A perícopos 3,26-29, concluindo a argumentação estabelecida a partir de 3,6, destaca a relevância da filiação divina pela fé em Jesus Cristo e a configuração Nele e da unidade entre os cristãos, mesmo diante da evidente diferença étnica, social e sexual. O fechamento em 3,29, onde comparece o termo κληρονόμος³⁴, o que poderia soar estranho por causa da aparente proeminência de Abraão, ganha em 4,7 o seu ponto máximo, onde se chega, finalmente à meta, passando-se da condição de “escravo-filho” para “filho-herdeiro”³⁵. Então ao fechamento de 3,29 (κατ’ ἐπαγγελίαν κληρονόμοι) corresponde a abertura de 4,1, onde a expressão κληρονόμος (como escravo, por causa da sua condição de νήπιος) terá o seu apogeu em 4,7 através da afirmação υἱός (livre) καὶ κληρονόμος διὰ θεοῦ³⁶ (herdeiro por Deus).

O contexto de 4,1-7, a nosso ver, é uma retomada, embora introduzida de modo abrupto, chegando a causar estranheza. Vanhoye acha, por exemplo, que o motivo principal dessa retomada é para corrigir a estranha impressão resultada da forte focalização da descendência de Abraão e não da filiação divina dos cristãos³⁷.

³³ Assim HAYS, R.B., Faith of Jesus Christ, p. 202, quando se perguntando sobre o motivo de tal dificuldade, concorda com Klaus Berger que afirma ser o problema central constituído, de um lado, pela ligação da realização da promessa abraâmica e, de outro, pela pessoa de Cristo.

³⁴ Cf. MUßNER, F., Der Galaterbrief, p. 382, que identifica, de uma parte, paralelos entre 3,19 e 4,4; 3,23 e 4,3; 3,26 e 4,5, onde sobressai a idéia de escravidão sob a lei e, de outra, 3,29 e 4,7, onde recorre o termo característico κληρονόμος.

³⁵ Cf. PITTA, A., Lettera ai Galati, p. 243.

³⁶ MOORE-CRISPIN, D.R., Galatians 4:1-9. EQ 60 (1989) 203. Esse autor expõe com razão que a ênfase principal da passagem é esclarecida em 4,7, pois tomando esse versículo como base, a passagem pode utilmente ser discutida sob três principais títulos: liberdade da escravidão, adoção e filiação e, por fim, filiação e herança.

³⁷ VANHOYE, A., La Lettera ai Galati, p. 133. Praticamente, a seção central de Gálatas, que para alguns abrange 3,1-4,11 é o grande desafio dos exegetas. Nesse sentido, cf. BERGER, K.,

É indiscutível, no entanto, que faz parte do caráter do escritor a utilização de linguagem forte e por vezes contrastante³⁸, embora também muitas vezes carregada de afeto³⁹.

Além de Pitta, pelo que se sabe, não se tem notícia de outro autor que, seguindo também a proposta da análise retórica, conclua ser 4,1-7 uma *peroratio*. Ben Witherington III, por exemplo, propõe somente uma *peroratio* em toda a carta (6,12-17)⁴⁰; de acordo com ele, o segundo argumento encontra-se na passagem 3,19-4,7, sendo 4,1-7 parte final dessa argumentação, à qual ele dá o nome de “The Heirs Apparent”, obviamente porque 3,29 liga κληρονόμοι diretamente a Abraão através de frase conclusiva ἄρα τοῦ Ἀβραάμ σπέρμα ἐστέ, κατ’ ἐπαγγελίαν κληρονόμοι.

Considerando a questão da configuração da perícopre 4,1-7, torna-se evidente que em 3,29 é fechada a pequena unidade aberta a partir 3,26, quando ali é introduzida a idéia da filiação divina dos cristãos através da afirmação πάντες γὰρ υἱοὶ θεοῦ ἐστε διὰ τῆς πίστεως ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ. Respalda também o fechamento em 3,29 o fato de ali serem utilizadas as partículas condicional εἰ e

“Abraham in den paulinischen Hauptbriefen”, in MThZ 17 (1966) 47, onde ele afirma que a dificuldade de Gl 3 está na ligação da promessa abraâmica, de um lado, com a fé e, de outro, com a pessoa de Jesus Cristo. De sua parte, PITTA, A., *Disposizione e Messaggio della Lettera ai Galati*, p. 115-118, propõe 3,23-29 como uma unidade onde se desenvolve a última argumentação da seção 3,1-4,7, não obstante reconhecendo não haver unanimidade entre os exegetas sobre essa questão, já que alguns separam-na em duas unidades, a saber, 3,23-25 de 3,26-29, quer considerando-as autonomamente ou não.

³⁸ A própria carta aos Gálatas, fruto de uma situação, talvez a que retrata de maneira mais existencial a crise vivida por Paulo, coloca o leitor diante de algumas passagens um tanto abruptas e aparentemente estranhas. Basta vermos o início da carta, como se apresenta (1,1), o modo tão brusco direto como se dirige (1,6) e se refere aos gálatas (3,1.3).

³⁹ BARTOLOMÉ, J.J., *El Evangelio y su Verdad*, p. 70-71. Nesse sentido deve-se ressaltar a rememoração afetivo-elogiosa de Paulo para com os Gálatas (4,12-16), bem como o seu desvelo em defesa dos mesmos, na micro-unidade 4,17-20. Nessa micro-unidade encontramos ainda a expressão τέκνα μου. O termo τέκνον, diferentemente de υἱός, que significa filho, de forma genérica, pode ter também conotação afetiva, quando aplicado a pessoas adultas. Na carta aos Gálatas, este termo comparece cinco vezes, sendo quatro no contexto do midrash (4,21-31) e uma no contexto ao qual nos referimos, em 4,19. Sobre esse termo, cf. OEPKE, A., “τέκνον”, in ThWNT, V, 637-638, onde mostra que o mesmo tem sua raiz em τεκ, de onde encontramos o verbo τίκτω que significa gerar, dar à luz um filho. Daí, significando criança com relevo à idéia de origem embrionária (feto). Diz que esse vocábulo, no NT, recorre tanto no sentido comum como em sentidos particulares. Ainda: que se perpetua a idéia de genealogia e analogia com antiqüíssimas concepções da adoção em parte de tipo oriental e também hebraico e, em parte de tipo mais helênico, vindo porém a assumir um colorido e uma característica particulares no contexto escatológico cristão, como é claramente ressaltado nas locuções figuradas de Gl 4,19 e Fm 10. Não obstante Opke tenha citado Gl 4,19 e Fm 10 para afirmar que τέκνον assume colorido e características particulares no contexto escatológico cristão, isso não nega em absoluto o seu caráter afetivo também nessas duas passagens.

⁴⁰ Diferentemente de PITTA, A., *Disposizione e Messaggio della Lettera ai Galati*, p. 100.118.134.149, que propõe quatro conclusões, sendo uma para cada demonstração.

conjuntiva $\delta\acute{\epsilon}$, seguidas da partícula inferencial $\alpha\rho\alpha$. A partícula $\epsilon\acute{\iota}$ ⁴¹, com o indicativo expressa condição ou fato considerado verdadeiro ou já estabelecido; portanto, o seu significado é traduzido pelo condicional “se”. Já, a partícula conjuntiva $\delta\acute{\epsilon}$ ⁴², denotando mais comumente continuação ou ulterior desenvolvimento de pensamento, pode ser aqui traduzida por “e”, “portanto”, “então”. Finalmente, a partícula inferencial $\alpha\rho\alpha$ ⁴³, dentre algumas funções, pode denotar uma dedução lógica, podendo ser traduzida por “portanto”, “conseqüentemente”, “logo”, “por conseguinte”. Portanto, trata-se de uma sentença conclusiva, vindo a fechar, no caso, a unidade 3,26-29.

A unidade 4,1-7 é aberta com a utilização do verbo $\lambda\acute{\epsilon}\gamma\omega$ seguido da conjunção $\delta\acute{\epsilon}$ que nem sempre abre uma unidade literária⁴⁴, mas de acordo com Lightfoot⁴⁵, pode introduzir uma expansão ou explanação do que vem antes. Nesse caso, a unidade aberta se fundamenta também no fechamento da unidade anterior, a qual carece de elucidação.

De outra parte a perícopé começa a ser fechada, no v. 7, pela conjunção $\omega\sigma\tau\epsilon$, indicando um resultado real⁴⁶, seguida do acentuado advérbio de negação $\omicron\upsilon\acute{\kappa}\acute{\epsilon}\tau\iota$ e da conjunção adversativa $\alpha\lambda\lambda\acute{\alpha}$. Por fim, é fechada através das conjunções $\epsilon\acute{\iota}... \delta\acute{\epsilon}... \kappa\alpha\acute{\iota}$ que a concluem definitivamente, embora, caso faltasse essa última oração, a perícopé já estaria igualmente fechada. Embora haja autores que defendam a unidade 4,1-11⁴⁷ e, mesmo que, 4,8-11 possa seguir o assunto

⁴¹ Cf. “ $\epsilon\acute{\iota}$ ”, in FL.BW6.

⁴² Cf. “ $\delta\acute{\epsilon}$ ”, in FL.BW6.

⁴³ Cf. “ $\alpha\rho\alpha$ ”, in FL.BW6.

⁴⁴ Os quatro textos de Paulo (1Cor 1,12; 7,8; Gl 4,1; 5,16) onde comparece a expressão $\lambda\acute{\epsilon}\gamma\omega \delta\acute{\epsilon}$, nem sempre, abrem, por si mesma, uma unidade literária. 1 Cor 1,12, por exemplo, não abre unidade, mas continua o assunto; 1Cor 7,8, embora continuando a temática do casamento e da virgindade, tende a abrir uma micro-unidade; Gl 5,16, abre por si mesma, por introduzir novo argumento que é o da condução pelo Espírito. Já Gl 4,1, conforme visto, mesmo que introduza um novo descortinar, depende da cláusula precedente e a alarga sobremaneira. Daí, a expressão em si, necessariamente, não abre unidade. Evidentemente que não basta simplesmente afirmar como faz BORSE, U., *Der Brief an die Galater*, p. 140, de que a palavra de instrução do apóstolo “ $\lambda\acute{\epsilon}\gamma\omega \delta\acute{\epsilon}$ ” introduz uma nova seção.

⁴⁵ Cf. LIGHTFOOT, J.B., *The Epistle of St. Paul to the Galatians*, p. 165.

⁴⁶ Cf. BALZ, H., “ $\omega\sigma\tau\epsilon$ ”, EWNT, III, 1220-1221. Trata-se, segundo essa obra de uma proposição consecutiva independente com o indicativo. Dentre os vários exemplos citados, encontramos: Mt 19-6; 23,31; 2Cor 5,17. Ver também LIDDELL-SCOTT⁹, que classifica esse termo como sendo uma conjunção para expressar o atual ou pretendido resultado, o efeito de uma ação na oração principal.

⁴⁷ Cf. MATERA, F.J., *Galatians*, p. 153, onde considera que a unidade 4,1-11 está claramente conectada com a precedente e prepara aquela que se seguirá.

anterior⁴⁸, forma uma unidade em si mesma. A própria natureza do assunto aqui introduzido tem uma tonalidade de chamado de atenção. No dizer de Pitta, essa perícopé, em si, forma a terceira apóstrofe⁴⁹, a qual dá início à terceira demonstração da *dispositio*. A figura retórica conhecida com o nome de apóstrofe representa um desdobramento importante na argumentação, tanto no sentido de antecipação de eventos a serem retomados (proelítico) ou evocação de eventos anteriores (analético). Percebe-se então que 4,8-11 retrata, nesse sentido, o contrasenso dos gálatas. Portanto, 4,8-11, mais do que em 4,1-7, encontra eco em 3,1-5⁵⁰, onde Paulo mostra a sua real preocupação⁵¹ para com os Gálatas, questionando o seu retrocesso, os quais, tendo começado pelo espírito, estão a ponto de terminar no nível da carne. Daí, vê-se que não há razão para considerar 4,1-11 como unidade.

Conclui-se, portanto, que 4,1-7, do ponto de vista temático, forma uma unidade literária⁵². Também a função das conjunções, como já foi mostrada, é de real importância para a abertura e fechamento da unidade textual. Nesse sentido U. Wegner se expressa dizendo que esse não é tanto o caso de evangelhos onde a delimitação vem facilitada pela constante mudança de gênero, indicações topográficas, cronológicas, etc. Porém, num texto argumentativo como é o caso da carta aos Gálatas, deve-se dar a devida atenção ao uso de conjunções⁵³ que costumam evidenciar a conclusão ou continuidade de um assunto.

⁴⁸ Nesse sentido cf. WITHERINGTON III, B., *Grace in Galatia*, p. 296, que diz textualmente: “4,8 begins with a strongly adversative connector, ἀλλά, setting apart what follows from the previous argument just concluded”.

⁴⁹ PITTA, A., *Lettera ai Galati*, 247ss. Sobre o termo apóstrofe, cf. Id., *Disposizione e Messaggio della Lettera ai Galati*, p. 220. O termo, no dizer do autor, significa uma figura de natureza amplificante, mediante a qual vêm interpelados, de forma direta e incisiva, os interlocutores.

⁵⁰ WITHERINGTON III, B., *Grace in Galatia*, p. 295. Na sua análise sócio-retórica, o autor afirma que 4,8-11 recordará que no início do primeiro argumento, Paulo apelou para a experiência dos gálatas, quando eles se tornaram cristãos. O início do primeiro argumento coincide com 3,1-5, que o autor denomina “The Appeal to Spiritual Experience”.

⁵¹ Cf. LONGENECKER, R.N., *Galatians*, p. 178, que considera 4,8-11 o fechamento da probation 3,-4-11. Também aqui Longenecker diz que Paulo se dirige mais uma vez diretamente aos gálatas, conforme já o fizera em 3,1-5.

⁵² Cf. WEGNER, U., *Exegese do Novo Testamento*, p. 86. O autor nos diz que o texto constitui unidade autônoma quando o seu conteúdo possui uma mensagem própria e característica e também distinta da mensagem anterior e subsequente.

⁵³ WEGNER, U., *Exegese do Novo Testamento*, p. 86.

2. O Texto de Gl 4,1-7: sua constituição e organização

2.1. Tradução e crítica textual

<p>1. Λέγω δέ, ἐφ' ὅσον χρόνον ὁ κληρονόμος νήπιός ἐστιν, οὐδὲν διαφέρει δούλου κύριος πάντων ὄν, 2. ἀλλὰ ὑπὸ ἐπιτρόπους ἐστὶν καὶ οἰκονόμους ἄχρι τῆς προθεσμίας τοῦ πατρός. 3. οὕτως καὶ ἡμεῖς, ὅτε ἦμεν νήπιοι, ὑπὸ τὰ στοιχεῖα τοῦ κόσμου ἦμεν δεδουλωμένοι· 4. ὅτε δὲ ἦλθεν τὸ πλήρωμα τοῦ χρόνου, ἐξαπέστειλεν ὁ θεὸς τὸν υἱὸν αὐτοῦ, γενόμενον ἐκ γυναικός, γενόμενον ὑπὸ νόμον, 5. ἵνα τοὺς ὑπὸ νόμον ἐξαγοράσῃ, ἵνα τὴν υἰοθεσίαν ἀπολάβωμεν. 6. Ὅτι δέ ἐστε υἱοί, ἐξαπέστειλεν ὁ θεὸς τὸ πνεῦμα τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ εἰς τὰς καρδίας ἡμῶν κράζον· αββα ὁ πατήρ. 7. ὥστε οὐκέτι εἶ δοῦλος ἀλλὰ υἱός· εἰ δὲ υἱός, καὶ κληρονόμος διὰ θεοῦ.</p>	<p>Digo então: enquanto o herdeiro é menor, em nada difere de um escravo, sendo senhor de tudo mas está sob tutores e administradores até o prazo estabelecido pelo pai. Assim, também nós, quando éramos infantes, sob os elementos do mundo estávamos escravizados. Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, a fim de resgatar os que estavam sob a lei, a fim de recebermos a adoção filial. Porque, então, sois filhos, Deus enviou o Espírito de seu Filho aos nossos corações, o qual (Espírito) clama: Abba, Pai! Assim, não és mais escravo, mas filho. Se és filho, és também herdeiro por Deus.</p>
---	---

A crítica textual aqui apresentada tem como base o *Novum Testamentum Graece*⁵⁴, 27ª edição, 7ª impressão.

⁵⁴ Cf. WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 39-83. Aborda este autor, de maneira didática e detalhada, a apresentação da crítica textual, tendo como base o *Novum Testamentum Graece*, 27ª edição (NT²⁷) e o *The Greek New Testament*, da 3ª edição corrigida (GNT³). É

O aparato crítico de Gl 4,1-7 apresenta algumas variantes nos três seguintes versículos: 3, 6 e 7. No v. 3 o texto apresenta apenas uma variante. Trata-se de uma substituição simples de ἤμεθα por ἤμεν testemunhada pelos manuscritos unciais A, B, C, D¹, Ψ, pelos minúsculos 1739, 1881, ainda pelo texto majoritário e por Clemente de Alexandria. Apóiam o texto de NT²⁷ os manuscritos: P⁴⁶, os unciais, Ⳑ, D*, F, G, 0278, os minúsculos 33, 81, 365, 1175 e poucos outros manuscritos.

No v. 6 encontramos duas omissões maiores. Trata-se, primeiramente, da expressão ὁ θεός; segundo o aparato a expressão ὁ θεός encontra-se omitida no manuscrito maiúsculo B, no minúsculo 1739 e na versão copta saídica. A outra omissão maior compreende τοῦ υἱοῦ apenas no P⁴⁶; em seguida, constata-se a indicação de uma substituição simples de ἡμῶν por ὑμῶν nos manuscritos maiúsculos D², Ψ, no minúsculo 33, no texto majoritário, na vulgata Clementina, em todos os manuscritos da versão siríaca e em parte da versão copta boáirica; no entanto, há outras variantes que apóiam o texto de NT²⁷ (ἡμῶν) que são: P⁴⁶, os manuscritos maiúsculos Ⳑ, A, B, C, D*, F, G, P, 0278, os minúsculos 104, 1175, 1241^s, 1739, 1881, poucos outros manuscritos, manuscritos latinos antigos e vulgata, versão copta saídica e parte da versão copta boáirica. Finalmente, esse versículo apresenta a omissão maior compreendendo ὁ πατήρ; tal omissão é registrada em conjectura no códice Beza.

importante ter em conta que o texto do NT²⁷ é fruto de trabalho de uma comissão internacional altamente preparada para o assunto. Portanto, os textos reportados por essa obra e também pelo GNT⁴ (The Greek New Testament já na sua quarta edição), são atualmente aceitos como os que mais se aproximam dos textos originais. Obviamente que podem restar dúvidas, sobretudo quando tanto os textos propostos quanto as suas variantes têm apoio em manuscritos considerados importantes. Outra particularidade nos dois textos a ser ressaltada é o fato da presença de colchetes simples [] ou duplos [[]]. Os colchetes simples indicam palavra(s), frase(s) ou perícopes aceitas como leitura original, porém não com o grau de confiabilidade desejável; os colchetes duplos, por sua vez, querem indicar que conteúdos não são pertencentes ao texto original. Estão presentes nessa condição, diríamos, precária, porque se trata de textos que, mesmo acrescidos numa fase ainda antiga, fazem parte do processo de transmissão e também por terem sido objeto de importância nas discussões dentro da história da Igreja. É o caso, por exemplo, de Mc 16,9-20. Ainda Ibid., 70, onde U.WEGNER, ao se referir à crítica textual para o conjunto da exegese diz que: “por vezes é mínima, já que a admissão ocasional de variantes no aparato como originais em pouco costuma alterar o sentido do texto. Além disso, variantes significativas que trazem alterações importantes de conteúdo encontram-se exaustivamente comentadas na literatura e em manuais de crítica textual”. Sobre o assunto “Crítica Textual”, há obras às quais se podem recorrer para a compreensão. No entanto, elas na sua abordagem mostrarão aquilo mesmo que também o NT²⁷ e GNT⁴ já apresentam como fruto de suas pesquisas. Indicamos ainda aqui algumas obras que podem ajudar o processo de compreensão da crítica textual, tais como: PAROSCHI, W., Crítica Textual do Novo Testamento; EPP, E.J.; FEE, G.D., New Testament Textual Criticism: Its Significance for Exegesis: Es. In Honour of Bruce M. Metzger; BITTENCOURT, B.P., O NT: cânion, língua, texto.

No v. 7 há uma omissão simples do verbo εἶ (2ª pessoa singular presente indicativo do verbo εἶμί) nos manuscritos maiúsculos F e G. Encontramos também uma substituição maior da expressão διὰ θεοῦ; os maiúsculos F e G, o minúsculo 1881 e poucos manuscritos a substituem por διὰ θεόν; por διὰ χριστοῦ, substituem os minúsculos 81, 630, poucos manuscritos e a versão copta saídica; substituem por διὰ Ἰησοῦ Χρ, o minúsculo 1739^c; substituem por θεοῦ διὰ acrescentando Ἰησοῦ o maiúsculo P, os minúsculos 6, 326, 1505, poucos manuscritos e todos os manuscritos da versão siríaca; ainda por θεοῦ διὰ χρ, os maiúsculos **σ**², C³, D, 0278, texto majoritário, versões latinas avulsas e todos os manuscritos da versão siríaca. Já o maiúsculo Ψ e poucos manuscritos trazem κληρονόμος μὲν θεοῦ, συγκληρονόμος δὲ Χρ. No entanto, respaldam a opção do autor o **P**⁴⁶, os maiúsculos **σ**^{*}, A, B, C^{*}, os minúsculos 33, 1739^{*vid}, as versões latinas antigas e a vulgata, a versão copta boáirica; também atesta a opção do autor Clemente de Alexandria.

As variantes apresentadas no texto levam-nos a algumas considerações necessárias. A primeira variante da perícopie no v. 3 aponta para uma substituição simples de ἤμεθα por ἤμεν. Considerando os critérios de evidência externa, os dois lados possuem documentos de consistente credibilidade. No entanto, o fato de **P**⁴⁶ não apoiar a substituição, isso pode levar-nos à contingência de acolher essa testemunha como a portadora do texto original. No entanto, deve-se notar que no corpus paulinum propriamente dito o verbo εἶμί, na primeira pessoa do plural do imperfeito, é usado apenas quatro vezes. Das quatro vezes, a forma ἤμεν vem utilizada três vezes (Rm 7,5; Gl 4,3b; 1Ts 3,4) e em nenhuma das vezes a forma apresenta qualquer variante; somente Gl 4,3c apresenta desacordo de variantes entre uma forma ou outra. Segundo o critério da evidência de caráter interno, devem ser preferidas as variantes que melhor reflitam as características estilísticas do autor. Como a utilização da forma ἤμεθα não reflete as características estilísticas do autor, deve-se supor que a opção de NT²⁷ não é a mais acertada, mesmo que a substituição de uma forma por outra em nada altere o significado do contexto. Isso porque se trata de formas alternativas do mesmo verbo. Nesse caso, ἤμεν é a forma que melhor corresponde ao original⁵⁵. Registre-se ainda que

⁵⁵ Cf. LONGENECKER, R.N., Galatians, p. 160-161. Em sua avaliação da crítica textual, o autor se refere às formas ἤμεν δεδουλωμένοι e ἤμεθα δεδουλωμένοι. Afirma, como já dissemos, que e os

somente mais outras três vezes, encontramos o imperfeito do verbo εἰμί em cartas da tradição paulina; trata-se de Ef 2,3 (ἤμεθα), 2Ts 3,10 e Tt 3,3 (ἤμεν). Também não se encontram variantes nessas passagens; ressalta-se o fato curioso de que parte da frase de 2Ts 3,10 (καὶ γὰρ ὅτε ἤμεν πρὸς ὑμᾶς) é praticamente a mesma de 1Ts 3,4 (καὶ γὰρ ὅτε πρὸς ὑμᾶς ἤμεν).

A segunda variante, no v. 6 aponta para a omissão de ὁ θεός, apoiada por três manuscritos: B, 1739 e versão copta saídica. Do ponto de vista da evidência externa, temos: a) em termos de quantidade, a omissão conta com poucos manuscritos, sendo um maiúsculo (B), um minúsculo (1739) e uma versão (copta saídica); b) do ponto de vista da idade dos manuscritos, observamos B (séc. IV), 1739 (séc. X) e versão copta saídica (séc. III/IV); no entanto, temos muitos e antigos unciais importantes – obviamente não citados no aparato crítico por se tratar de grande quantidade – que não omitem a expressão ὁ θεός. Diante da grande quantidade de testemunhos importantes a favor da inclusão de ὁ θεός e de somente três variantes que contemplam a omissão, não contam aqui os possíveis critérios de evidência interna, tais como a dificuldade de compreensão e a diminuição do texto por causa da omissão de ὁ θεός. Por isso, deve ser acolhido como original a inclusão de ὁ θεός reportada por NT²⁷.

Outra omissão maior ainda é encontrada no v. 6. Trata-se da expressão τοῦ υἱοῦ testemunhada somente pelo P⁴⁶. Assim, do ponto de vista da evidência externa, é de se ressaltar que apenas um testemunho é muito pouco diante do grande número de outros importantes manuscritos que testemunham a não omissão; mesmo, como no caso, se trate do importante P⁴⁶. Conclui-se, por isso mesmo, que a presença de τοῦ υἱοῦ corresponde mais satisfatoriamente à originalidade do texto. Em seguida, encontramos testemunhos que substituem ἡμῶν por ὑμῶν. Os manuscritos que oferecem suporte à substituição não são

manuscritos que apóiam as duas formas são igualmente convincentes. Mas conclui que a forma ἤμεθα deve ser preferida porque a natural tendência dos escribas teria sido a de assimilar o termo ἤμεθα à forma ἤμεν. No entanto, é interessante observar que em todo o NT são encontradas somente duas passagens com forma perifrástica utilizando o verbo εἰμί no imperfeito, primeira pessoa do plural. Tais passagens são Gl 4,3 e At 20,8. Em At 20,8 a forma é ἤμεν e não ἤμεθα. O NT²⁷ admite o texto de At 20,8 como original, uma vez que não há nenhuma variante que utilize a forma ἤμεθα; já o GNT⁴ admite o mesmo texto como original sem qualquer discussão. Essa é uma razão a mais para que ἤμεν seja preferido no lugar de ἤμεθα. Cf. também BORSE, U., Der Brief an die Galater, 142. Este autor prefere a forma ἤμεν em vez de ἤμεθα. No entanto, a única razão de sua preferência reside na observação de que alguns, provavelmente, preferiram a forma depoente ἤμεθα para evitar a repetição. Lamentavelmente, isto é apenas uma suposição desse autor, o qual não apresenta razão mais consistente para a sua escolha.

importantes como os testemunhos que apóiam o texto de NT²⁷. Assim, diante da flagrante superioridade qualitativa e quantitativa dos testemunhos reportados por Nestlé-Aland – P⁴⁶, \aleph , A, B, C, D* - torna-se evidente que a leitura original do texto conta com o pronome pessoal ἡμῶν em vez de ὑμῶν. Finalmente, no v. 6 constata-se que ὁ πατήρ é omitido pelo códice Beza em conjectura. Mesmo sendo o códice Beza de séc. V, não há razão para que esse testemunho venha a ser acolhido. Ainda mais que a expressão ὁ πατήρ, aqui precedida pelo termo ἀββα, é encontrada em mais duas passagens do NT, a saber: Mc 14,36 e Rm 8,15. E, curiosamente, nessas outras duas passagens a mesma testemunha (Beza cj) a omite. O que coloca em evidência que pode se tratar de uma deliberada alteração no texto introduzida por esse testemunho. Portanto, é fora de dúvida de que o texto que melhor corresponde ao original inclui a expressão ὁ πατήρ reportada também por NT²⁷.

Diante das variantes do v. 7, deparamo-nos inicialmente com uma omissão simples. Apenas dois maiúsculos (F e G) do séc. IX omitem εἶ (2ª pessoa do singular do verbo εἰμί). Embora a omissão sugerida por esses dois testemunhos não mude o sentido de compreensão do texto e mesmo que o torne pouco mais curto e difícil, não há razão suficiente para considerar a sua omissão como fazendo parte do texto original, pois outras testemunhas importantes, não reportadas aqui, não atestam tal omissão.

A substituição de διὰ θεοῦ por διὰ θεόν é reportada também pelos mesmos dois testemunhos anteriores e ainda pelo minúsculo 1881 (séc. XIV) e poucos manuscritos. Também aqui, embora a mudança não acarrete conseqüências fundamentais para a compreensão do texto, não há motivo suficiente para acolhê-la. Muitos manuscritos importantes, também não reportados no texto de NT²⁷, não apontam essa mudança. Outras substituições ainda são encontradas, dentre elas: a) διὰ θεοῦ por διὰ Χριστοῦ; todos os manuscritos que reportam διὰ Χριστοῦ são de somenos importância. Essa mudança, no entanto, altera a compreensão do texto, uma vez que pela sua inserção nos tornamos “herdeiros” por Cristo (Filho) e não por Deus (Pai); b) o minúsculo 1739^c, do séc. X, traz a substituição διὰ Ἰησοῦ Χρ, que também não pode ser aceita devido a ausência de outras testemunhas importantes que não a registram; c) trazem θεοῦ διὰ + Ἰησοῦ também manuscritos secundários e, que por este motivo, não pode tal leitura ser acolhida como

original. Registre-se que também aqui há modificação de sentido e, dependendo de como vem entendida, com confusa perspectiva teológica: “herdeiro de Deus por Jesus” ou “por graça de Jesus”; d) outra substituição reporta o seguinte: θεοῦ διὰ Χριστοῦ testemunhada por maiúsculos do primeiro corretor (séc. IV) e terceiro corretor (séc. V) respectivamente e por outro maiúsculo do século VI e por outros manuscritos de menor importância. Também essa substituição muda em muito o sentido do texto: “herdeiro de Deus por Cristo”. A não aceitação dessa leitura tem o seu motivo na inconsistência desses manuscritos diante de manuscritos importantes que não a reportam; e) finalmente, poucos manuscritos trazem κληρονόμος μὲν θεοῦ, συγκληρονόμος δὲ Χριστοῦ. Essa forma nós a encontramos somente em Rm 8,16, sendo na forma plural (κληρονόμοι, συγκληρονόμοι); esses poucos testemunhos que apresentam essa modificação, inspiram-se, muito provavelmente, em Rm 8,16. No entanto, os manuscritos que apóiam a conclusão de NT²⁷ são muitos e também significativos, o que não nos induz a aceitar a leitura citada acima. Ressalte-se, ainda que os editores de A Textual Commentary on the Greek New Testament, a respeito da perícope, apenas relevam que em 4,6, a opção por ἡμῶν e, em 4,7, pela expressão διὰ θεοῦ são realmente corretas. Desse modo, diferentemente da edição anterior, a comissão editorial desse citado e autorizado comentário textual conclui que as opções de 4,6 e 4,7 reportadas por NT²⁷ e GNT⁴ correspondem ao original, não mais restando, portanto, qualquer grau de dúvida⁵⁶.

Concluindo, constata-se que o texto original de Gl 4,1-7 está de acordo com o reportado por NT²⁷, excetuando-se a opção feita por ἡμεθα no lugar de ἡμεν, o que não altera em nada o resultado da exegese.

2.2. A estrutura do texto

Do ponto de vista sintático há um período principal comandado pelo verbo λέγω, que é o primeiro termo, e vai até o final do v. 2 com a expressão ἄχρι τῆς προθεσμίας τοῦ πατρός. O v. 3 (οὕτως καὶ ἡμεῖς, ὅτε ἡμεν νήπιοι, ὑπὸ τὰ στοιχεῖα τοῦ κόσμου ἡμεθα δεδουλωμένοι), embora seja uma aplicação do que

⁵⁶ METZGER, B.M., A Textual Commentary on the Greek New Testament, p. 526-527.

vem afirmado anteriormente e, por isso, logicamente dependa do que foi afirmado nos vv. 1-2, gramaticalmente tem vida própria. De sua parte, o v. 4, embora continuando o assunto do versículo precedente⁵⁷, parece dar um salto enorme, porém dentro, é óbvio, da argumentação conclusiva da da seção 3,1-4,7⁵⁸, isto é, 4,1-7. De fato, o v. 4 abre uma nova perspectiva, o que parece ser a demonstração cabal para a constatável novidade a que se chegou com o início da aplicação no v. 3. Esse fechamento em forma de analogia⁵⁹, no v. 3, vem exigir a explicitação do tempo da maioridade, conforme é ressaltado pelo emprego da conjunção ὅτε⁶⁰. Desse modo, no v. 4, dá-se o inesperado irromper do anúncio do envio do Filho de Deus (ἐξαπέστειλεν ὁ θεὸς τὸν υἱὸν αὐτοῦ), quando o tempo chegou à sua plenitude (ὅτε δὲ ἦλθεν τὸ πλήρωμα τοῦ χρόνου) e, no v. 5, o conteúdo do versículo precedente tem a sua conclusão, já que se trata de uma oração construída em torno de duas finalidades, a saber: resgate da lei (ὑπὸ νόμον ἐξαγοράση) e o recebimento da adoção filial (τὴν υἰοθεσίαν ἀπολάβωμεν). A perícopé vai, pouco a pouco, se enchendo de sentido, após o primeiro anúncio do envio, uma vez que um segundo anúncio está por vir. Desse modo, chega-se ao v. 6, onde se afirma que aos nossos corações é enviado o Espírito do seu Filho através da expressão do envio do Espírito do Filho de Deus aos nossos corações (ἐξαπέστειλεν ὁ θεὸς τὸ πνεῦμα τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ εἰς τὰς καρδίας ἡμῶν) e, continuando, diz que em nossos corações é esse Espírito que clama Pai (κρᾶζον· αββα ὁ πατήρ). Essa sentença⁶¹, aparentemente não faria falta ao contexto, caso ao v. 5, se seguisse imediatamente o v. 7, uma vez que há uma ligação entre herança e filiação, introduzidos no v. 1. No entanto, a particularidade desse versículo com as suas mais discutidas implicações será objeto do capítulo II desta pesquisa. Finalmente, o v. 7 fecha

⁵⁷ A garantia de que o v. 4 continua a aplicação da analogia (vv. 1-2) está na contraposição entre o tempo da menoridade (ὅτε ἡμεν νήπιοι) que é a condição da escravidão (ὑπὸ τὰ στοιχεῖα τοῦ κόσμου ἡμεθα δεδουλωμένοι) e o tempo em sua plenitude ou momento do envio do Filho (ὅτε δὲ ἦλθεν τὸ πλήρωμα τοῦ χρόνου) com as suas reais finalidades (ἵνα τοὺς ὑπὸ νόμον ἐξαγοράση, ἵνα τὴν υἰοθεσίαν ἀπολάβωμεν).

⁵⁸ Veja-se o esquema de PITTA, A., *Lettera ai Galati*, p. 40-41.

⁵⁹ CORSANI, B., *Lettera ai Galati*, p. 256-257.

⁶⁰ Deve-se destacar que a conjunção ὅτε (vv. 3 e 4) introduz em forma de continuidade a revelação entre essas duas situações claramente em contraposição (escravidão/menoridade e liberdade/plenitude da divina filiação). Constatam-se assim que somente a partir do v. 4 abre-se o descortinar do tempo da maioridade ou da plenitude da nossa filiação divina, momento conhecido como πλήρωμα τοῦ χρόνου.

⁶¹ Essa sentença tem sido muito relevada, sobretudo depois da demonstração de Zedda, conforme já nos referimos no Estado da Questão desta presente pesquisa. Trata-se aqui do sentido da conjunção ὅτι em seu alcance causal ou declarativo, o que também alteraria, em princípio, o sentido teológico do texto. Mas, essa é uma questão para a investigação exegética.

conclusivamente a perícopé iniciada em 4,1. Neste versículo entram em cena os três conceitos fundamentais da perícopé (οὐκέτι εἶ δοῦλος – ἀλλὰ υἱός – καὶ κληρονόμος διὰ θεοῦ).

Desse modo, então, assim se dispõe, em grandes linhas, a perícopé⁶² em sua organização interna:

A – vv. 1-2: Exemplo jurídico: Filiação na menoridade

Λέγω δέ,
 ἐφ’ ὅσον χρόνον ὁ κληρονόμος νήπιός ἐστιν,
 οὐδὲν διαφέρει δούλου
 κύριος πάντων ὢν,
 ἀλλὰ ὑπὸ ἐπιτρόπους ἐστὶν καὶ οἰκονόμους
 ἄχρι τῆς προθεσμίας τοῦ πατρός.

B – vv. 3-7: Aplicação do exemplo jurídico

a) v. 3: Analogia da ultrapassada condição

οὕτως καὶ ἡμεῖς,
 ὅτε ἤμεν νήπιοι,
 ὑπὸ τὰ στοιχεῖα τοῦ κόσμου
 ἤμεν δεδουλωμένοι·

b) vv. 4-5: Plenitude do Tempo e Envio do Filho

ὅτε δὲ ἦλθεν τὸ πλήρωμα τοῦ χρόνου,
 ἐξαπέστειλεν ὁ θεὸς τὸν υἱὸν αὐτοῦ,
 γενόμενον ἐκ γυκαϊκός,
 γενόμενον ὑπὸ νόμον,
 ἵνα τοὺς ὑπὸ νόμον ἐξαγοράσῃ,
 ἵνα τὴν υἰοθεσίαν ἀπολάβωμεν.

⁶² Cf. PITTA, A., Lettera ai Galati, 233, que em conseqüência de sua análise retórico-literária, vê o texto compreendido em duas partes fundamentais, ou seja, o exemplo jurídico em 4,1-2; aplicação do exemplo em 4,3-7. Também, VANHOYE, A., Lettra ai Galati, p. 133 et. seq., onde observa que 4,1-2 corresponde ao exemplo e 4,3-7 à aplicação do exemplo em dois períodos, isto é, na primeira conclusão em 4,3 e na última em 4,7. Há ainda outros modos de subdividir a perícopé. BETZ, H.D., Galatians, p. 202, prefere a divisão: 4,1-2 (comparação); 4,3-6 (aplicação da comparação) e 4,7 (conclusão). De outra parte, BORSE, U., Der Brief an die Galater, p. 141-146 e também EGGER, W., Galaterbrief, Philipperbrief, philemonbrief, p. 29-31, entendem a estruturação assim: 4,1-3; 4-5; 5-6.

c) v. 6: Envio do Espírito do Filho e nossa filial intimidade com Deus

Ὅτι δέ ἐστε υἱοί,
ἐξαπέστειλεν ὁ θεὸς τὸ πνεῦμα τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ
εἰς τὰς καρδίας ἡμῶν κράζον· αββα ὁ πατήρ.

d) v. 7: Conclusão: Maioridade e plenitude da divina filiação do cristão

ὥστε οὐκέτι εἶ δοῦλος
ἀλλὰ υἱός·
εἰ δὲ υἱός, καὶ κληρονόμος διὰ θεοῦ.

Assim, 4,1-2 é marcado pela idéia crescente da desvantagem do herdeiro ainda menor de idade, que o compara a um escravo, mesmo sendo, desde tenra idade, senhor de tudo. Essa acentuação deve-se à presença do advérbio de negação οὐδέν que modifica o verbo διαφέρει⁶³ fazendo-o exigir uma outra cláusula iniciada pela conjunção adversativa ἀλλά. Esse procedimento lingüístico vem realçar o pensamento expresso a respeito da situação de desvantagem do herdeiro ainda criança. Nesse sentido, não entrando todavia nos aspectos exegeticos e teológicos, percebe-se que os dois versículos ressaltam comparativamente o herdeiro ainda não emancipado que, não sendo escravo, é como se o fosse, apenas aguardando o prazo de sua emancipação da parte do pai (προθεσμία τοῦ πατρός). Há uma espécie de paralelismo culminativo⁶⁴, onde a segunda cláusula em forma de síntese plenifica o sentido do que se quer dizer. No caso de 4,1-2, é evidente que a emancipação do herdeiro está posta sob a προθεσμία τοῦ πατρός, ou seja, sob a decisão do pai que a concede ao filho no momento estabelecido. Por isso, damos a essa subdivisão o título de **“Exemplo jurídico: Filiação na menoridade”**⁶⁵.

⁶³ BUSCEMI, A.M., L'uso delle preposizioni nella lettera ai Galati, p. 42. O autor informa que o verbo διαφέρω aparece 13 vezes no NT e o copus paulinum o utiliza 5 vezes. Nesse contexto, a preposição διά como prefixo verbal assume o sentido local metafórico, diferentemente de Gl 2,6 onde a mesma preposição como prefixo do mesmo verbo dará o sentido verbal em perspectiva metafórica intensiva. Isso foi possível porque no primeiro caso o verbo preposicionado exigiu a presença do acusativo adverbial οὐδέν com o genitivo de comparação δούλου.

⁶⁴ Cf. WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 91-92.

⁶⁵ Cf. nota 30, onde já assinalamos que H. SCHLIER dá à perícope 4,1-7 o título de Unmündigen e Mündigen, ressaltando assim a idéia de não emancipados (menores de idade) e emancipados (maiores de idade). Não focaliza de modo incisivo a idéia de “herdeiro”, na perícope, duas vezes utilizada.

A seguinte subdivisão 4,3 apresenta-nos a analogia dos dois versículos anteriores da perícopé. Dá-se pelo uso do advérbio οὕτως⁶⁶ – desse modo – seguido da conjunção coordenativa também (καί). Esse primeiro remate, mesmo sendo uma analogia do que foi explicitado nos vv. 1-2, não coincide com a nossa situação atual, uma vez que pertence ao passado. Quer dizer que não somos mais infantes (νήπιοι) escravizados pelos elementos do mundo. Nesse sentido, essa é uma conclusão ainda provisória que prepara o leitor para olhar de frente a nova situação na qual se encontra e que será definitivamente explicitada na conclusão (v. 7). A essa primeira conclusão damos o título de **“Analogia da ultrapassada condição”**. O que vem logo adiante, nos vv. 4-5, introduz-nos no cerne do anúncio que Paulo tenciona fazer, algo como quase inesperado. No entanto, mesmo que inesperado, não é estranho, mas vem ao encontro da crescente expectativa que conduz ao alargamento da compreensão do evento Cristo. Não deixa, porém, de causar no leitor um sentimento de enlevo e êxtase. Isso também porque a sentença que se segue sofre o efeito de um corte, parecendo não ter ligação explícita com o que veio antes. A frase começando por uma conjunção subordinativa, introduz uma oração subordinada adverbial. No contexto tem o efeito como que de um relâmpago, porém de eficácia permanente.

Assim, os vv. 4-5 têm um efeito surpreendente pela força e vivacidade das imagens que podem ser provocadas no ouvinte ou no leitor da mensagem. O modo inesperado de sua introdução é justificado pelo que vem anunciado: plenitude do tempo, envio do Filho de Deus, o qual é nascido de mulher, vale dizer, ser humano de verdade e, também, nascido sob a lei, isto é, pertencendo ao ambiente sócio-religioso-político-cultural judaico. E o mais surpreendente é que, dentro de todo esse imprevisível anúncio, vêm embutidas duas finalidades, também surpreendentemente expressas: a fim de resgatar os que estavam sob a lei e para que recebêssemos a adoção filial.

A força que esses dois versículos exprimem pela forma e conteúdo de sua mensagem dão também o alcance de sua centralidade na perícopé. Dão a entender haver duas situações realmente constatáveis no coração da humanidade: o tempo (χρόνος) antes do πλήρωμα τοῦ χρόνου e aquele outro tempo (χρόνος) que segue a partir da grandiosidade de tal evento, com todas as suas conseqüências para a

⁶⁶ MOULTON, J.H., A Grammar of the New Testament, p. 112.

humanidade. Trata-se, na verdade do *καιρός*⁶⁷ (momento oportuno da ação de Deus) que se concretiza no tempo mensurável (*χρόνος*) que se situa entre o antes e o depois do envio do Filho de Deus.

Embora haja quem enxergue na perícope 4,1-7 a organização quiástica, é oportuna a observação de Pitta⁶⁸, o qual diz que esse estilo de estrutura não é reconhecido em base a termos escolhidos de modo arbitrário e ligados reciprocamente e sim em base a relações terminológicas dispostas em continuidade.

No entanto, é algo reconhecido entre os estudiosos, a presença de um quiasmo contido entre os vv. 4-5⁶⁹. Tal quiasmo ajuda a estabelecer o que resulta do envio do Filho da parte de Deus. Ele foi enviado como nascido de mulher e nascido sob a lei com as explícitas finalidades: resgate e divina adoção filial. Nesse tipo de estrutura, o v. 4c (*γενόμενον ἐκ γυναικός*) e o v. 5b (*ἵνα τὴν υἰοθεσίαν ἀπολάβωμεν*) ressaltam duas realidades visivelmente contrastantes, a saber: a filiação humana de Cristo e a nossa adoção filial divina; também as duas expressões centrais, estão dispostas em maneira contrastantes: aquele que nasceu sob a lei (v. 4d: *γενόμενον ὑπὸ νόμον*) veio para resgatar os que estavam sob a lei (v. 5a: *ἵνα τοὺς ὑπὸ νόμον ἐξαγοράσῃ*). A situação mostrada pela organização quiástica é dependente da sentença que indica a chegada da Plenitude do Tempo e

⁶⁷ A questão do *χρόνος* e do *καιρός* será devidamente abordada no estudo particularizado das duas perícopes (Gl 4,1-7 e Ef 1,3-10).

⁶⁸ PITTA, A., *Lettera ai Galati*, p. 233. Diferentemente do que ensina Pitta é a obra “Galatians”, de J. BLIGH, que é compreendida e organizada em forma de um grande quiasmo e, ao mesmo tempo, todas as suas partes são assim organizadas. Também, ao modo de J. BLIGH, cf. BUSCEMI, A.M., *Struttura della Lettera ai Galati*, p. 409-410, que encontra uma estrutura quiástica concêntrica na inteira carta aos Gálatas. Cf. ainda BUSCEMI, A.M., *Libertà e Huiotesia*, p. 95. Esse autor enxerga na perícope 4,1-7 uma organização quiástica concêntrica; faz uma escolha de temas, deixando outros importantes de lado. Ele elabora os seguintes eixos: *κληρονόμος* (vv. 1a e 7b), *δοῦλος* (vv. 1b e 7a), *πατήρ* (vv. 2 e 6), *ἡμεν νήπιοι* e *υἰοθεσίαν* (vv. 3 e 5) com o ponto auge em *υἱός* (v. 4). No entanto, trata-se, a nosso ver, de uma organização um tanto forçada, sobretudo por deixar de fora elementos importantes, como a primeira parte do v. 4 e temas como a lei (*ὑπὸ νόμον*).

⁶⁹ Já nos referimos a essa organização dos vv. 4-5 no Estado da Questão desta mesma pesquisa, à p. 44. Tratava-se de observação feita por C.J. ELLICOTT, ainda no séc. XIX. Uma última referência sobre o assunto, cf. também LIGHTFOOT, J.B., *The Epistle of St Paul to the Galatians*, p. 168. Este autor observa: ‘The two clauses correspond to those of the foregoing verse in an inverted order by the grammatical figure called chiasm; The Son of God was born a man, that in Him all men might become sons of God; He was born subject to law, that those subject to law might be rescued from bondage’. É claro o acento por Lightfoot colocado no primeiro termo – The Son of God was Born a man -. No entanto, é estranho como WITHERINGTON III, B., *Grace in Galatia*, p. 287, citando o mesmo J.B. LIGHTFOOT, diz que o primeiro termo é ‘God sent his Son’. Este seu modo de compreensão não traduz o pensamento de J.B. LIGHTFOOT, evidentemente, que faz recair o acento sobre a humanidade de Jesus e não diretamente sobre o caráter do seu envio da parte de Deus.

a ação de Deus que envia⁷⁰ o seu Filho como Ele quer e para as finalidades que decidiu em favor da humanidade. Essa parte é o coração da perícope e pode ser assim tematizada: “**Plenitude do Tempo e Envio do Filho**”.

A continuação do anúncio central chega-nos através de uma outra forma de envio⁷¹, dessa vez, porém, do espírito do Filho de Deus, o qual (πνεῦμα τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ) clama em nossos corações “Abbá Pai”. Trata-se de um outro tema, porém coligado ao que já foi anunciado nos vv. 4-5. Nesses versículos, o conteúdo do anúncio já nos dera conta de que através do envio do Filho nos tornamos não somente livres, mas divinamente adotados como filhos. Adquirimos a liberdade pelo resgate e a filiação divina pelo engendramento do Filho de Deus em nossa história. A expressão ὅτι δέ dá início, em forma continuada, ao assunto anterior. A discussão, sobretudo levantada por Zedda⁷², colocou em pauta a questão de como interpretar a conjunção ὅτι. Em seu estudo, esse autor conclui que o sentido de ὅτι nesse contexto adquire conotação demonstrativa ao passo que, também, muitos outros exegetas admitem o sentido causal. Como se trata de uma longa discussão, que não cabe aprofundar aqui neste momento, tal problemática será devidamente abordada no capítulo II deste estudo. As duas propostas de tradução envolvem questões de conotação teológica com conseqüências cristológicas e pneumatológicas. No entanto, adiantando a problemática a ser ainda tratada, pode-se afirmar que após os vv. 4-5 ter colocado no envio do Filho a causa ou finalidade da nossa filiação divina, já está mais do que evidente que somos filhos de Deus. Não sendo, portanto, necessário, ao menos aqui no contexto, que “a prova da nossa filiação divina – conforme a interpretação de ὅτι em sentido demonstrativo – está no envio do Espírito do Filho aos nossos corações”. O sentido causal é coerente e em nada diminui o alcance do anúncio do primeiro envio; ao contrário, confirma e alarga a compreensão da nossa filiação: “porque sois filhos – vale dizer: adotados pela encarnação do Filho por excelência – Deus

⁷⁰ Cf. o estudo de SCHWEIZER, E., “Was meiner wir eigentlich, wenn wir sagen: Gott sandte seinen Sohn...?”, in NTS 37 (1991) 204-224. Nesse estudo o autor expõe sobre a fórmula do envio no AT, judaísmo, helenismo e no NT. A fórmula de envio em Gl 4,4 está incluída em sua exposição.

⁷¹ O verbo ἐξαποπέλλω é utilizado no corpus paulinum apenas duas vezes; e assim mesmo, na mesma perícope, isto é, em 4,4 e 4,6. O primeiro anúncio diz respeito ao envio do Filho de Deus; o segundo, uma vez, tendo sido enviado o Filho de Deus em nossa condição humana, diz respeito ao envio do Espírito do seu Filho aos nossos corações.

⁷² ZEDDA, S., L'adozione a figli di Dio e lo Spirito Santo. Storia dell'interpretazione e teologia mistica di Gal 4,6. Roma: PIB, 1952.

enviou o Espírito do seu Filho aos nossos corações, o qual clama ‘Abbá Pai’”. Não se trata ainda de uma conclusão da perícopes, mas do alargamento da nossa compreensão de que ser filho de Deus significa entrar na posse da sua intimidade, onde também em nosso íntimo (εἰς τὰς καρδίας ἡμῶν) o Espírito do Filho clama ‘Abbá Pai’ (κραζον· αββα ὁ πατήρ). Assim, é compreensível que essa penúltima parte da perícopes tenha como tema: **“Envio do Espírito do Filho e nossa filial intimidade com Deus”**.

Atingimos agora o ponto máximo da perícopes, que é a sua conclusão através do v. 7. Este versículo é introduzido por uma conjunção subordinativa ὥστε (de modo que) acompanhado pelo advérbio οὐκέτι (não mais). Trata-se de uma conclusão com cunho demonstrativo⁷³. A ênfase demonstrativa faz parte do caráter literário-retórico da carta aos Gálatas e, sobretudo dessa conclusão que fecha não somente a perícopes enquanto tal, mas todo o conteúdo 3,1-47, ou seja a segunda demonstração. E a conclusão em tom demonstrativo termina assim: εἰ δὲ..., καὶ... A partícula εἰ⁷⁴ é uma conjunção condicional e com o indicativo quer expressar a condição ou fato esperado como verdadeiro.

A conclusão dessa última parte da perícopes nos leva à certeza de que já estamos na posse da **“Maioridade e plenitude da divina filiação”**. De fato, a perícopes inicia com a idéia chave do herdeiro na menoridade e, por isso mesmo, em desvantagem por não ser em nada diferente a um escravo, ainda que seja senhor de tudo. E o fechamento não deixa de ser surpreendente por evocar a certeza de que agora sim, somos herdeiros na plenitude da maioridade por possuímos a filiação divina. Filiação esta que nos é concedida unicamente por graça de Deus através do envio do seu Filho na nossa natureza humana e também do envio do Espírito deste seu mesmo Filho aos nossos corações. A realidade da filiação divina não pode mais retornar à condição anterior. Isso já nos é antecipado pelo v. 3, na primeira conclusão do nosso texto. E a Plenitude do Tempo caracterizada pelo envio do Filho de Deus, significa já a posse definitiva para todos nós, por mercê de Deus, da filiação divina. Esgotou-se definitivamente o tempo da escravidão, pois já não somos mais escravos, mas filhos e filhas. Portanto, herdeiros e herdeiras, plenos participantes da intimidade de Deus.

⁷³ Cf. “ὥστε”, in FL.BW6. O autor apresenta esta conjunção como sendo também introdutora de cláusula inferencial independente, quando seguida de indicativo ou imperativo.

⁷⁴ Cf. “εἰ”, in FL.BW6.